

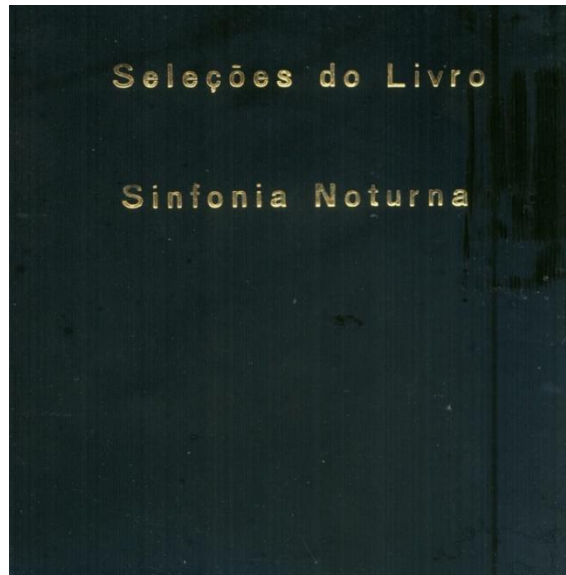
LIVRO DIGITAL - SINFONIA NOTURNA

REYNALDO DIAS LEME



PRODUÇÃO DO LIVRO DIGITAL – SINFONIA NOTURNA

LUIZ ANTONIO BATISTA DA ROCHA - 2012



Editora – A Noite – Rio de Janeiro – 1949



REYNALDO DIAS LEME

RIO, 1949

AO MEU PAI



JOSÉ DIAS LEME

* 26/11/1891 SANTO AMARO - SP

+ 27/02/1952 CAMPINAS - SP

UMA PEQUENA OFERTA,
A ENORME GRATIDÃO DE MINH'ALMA.

RIO, 1949



REYNALDO DIAS LEME

* 03/03/1926 CAMPINAS - SP

+ 25/06/1974 CAMPINAS - SP

01. VERSOS À MINHA MÃE

Letra: Reynaldo Dias Leme

(quando perdeu a mãe tinha 13 anos e escreveu esses versos)

Música: Luiz Antonio Batista da Rocha

Arranjo: Gabriel Alves Gonçalves

Interpretação: [Mikéias](#)

Declamação: [José Vicente Dias Leme](#)

Ela foi pura como um luar divino,
Que se derrama sobre a terra, brando...
Ela nasceu para viver sonhando,
E sonhando passar pelo destino...

Tinha no rosto delicado e fino,
Um sorriso a florir de vez em quando.
Foi uma santa que passou rezando,
Pelos meus olhos vivos de menino...

No entanto ela que foi perfeita e pura,
Quando morreu deixou a desventura,
E a profunda tristeza que me invade...

E hoje os meus olhos tristes, já sem brilho,
Choram cheios de mágoa e de saudade,
Quando uma voz de mãe fala: - Meu filho!

02. VOCÊ

Reynaldo Dias Leme

Declamação: [José Vicente Dias Leme](#)

É você quem me faz constantemente,
Andar feliz e leve nas calçadas
Da sua rua, e sempre de mãos dadas,
De mãos atadas amorosamente...

É você quem habita minha mente,
Na solidão das noites prolongadas,
E com o carinho mágico das fadas,
Toca o meu coração de adolescente...

É só você que, quando estou tristonho,
Enche-me as mãos vazias de algum sonho,
Como prova do muito que me quer...

E é só você que eu tanto, tanto adoro,
Quem figura em formato de mulher,
Nas lágrimas tristíssimas que choro...

03 - OS TEUS OLHOS CHORARAM...

Reynaldo Dias Leme

Declamação: [José Vicente Dias Leme](#)

Choraste. E no teu rosto sem pintura,
Ficaram duas lágrimas paradas,
Como gotas repletas de amargura,
Como duas estrelas apagadas...

Não chores nunca a tua desventura!
É mais feliz o som que há nas risadas,
E o pranto é quase sempre a sepultura,
Onde as pálpebras rezam desoladas...

Chorando eu vou pensar que não me queres,
E tu demonstrarás tua fraqueza,
Já que chorar é próprio das mulheres...

Se chorar é um dos gestos resolutos,
Lamenta intimamente tua tristeza,
E chora meu amor, de olhos enxutos.

04 – ENCONTRO

Reynaldo Dias Leme

Declamação: [José Vicente Dias Leme](#)

Hoje, após uma ausência prolongada,
Sem que eu te visse pelo meu caminho,
Encontrei-te feliz, despreocupada,
Os cabelos de luto, em desalinho...

Antes nunca te visse em minha estrada!
Antes nunca provasse o teu carinho;
Pois tenho agora uma alma esfarrapada.
E vivo como um pássaro sem ninho.

E como estás mudada!
Os teus cabelos,
Que já foram meus únicos desvelos,
Mudaram de ouro em pó, para nanquim.

Não podes calcular como senti
A mágoa de não ver que estás em ti,
E que eu estou demais dentro de mim!

05 - AMOR DE BAIRRO

Reynaldo Dias Leme

Declamação: [José Vicente Dias Leme](#)

Eu deixei num dos bairros da cidade,
Meu coração de poeta e sonhador!
Deixei também toda felicidade,
Na rua onde brincava o nosso amor.

Hoje à tardinha, à meia claridade
De um desmaiado sol sem esplendor,
Passei no mesmo bairro, onde a saudade
Teceu no chão a sombra de uma dor.

E me lembrei, bastante comovido,
Das frases que eu falava bem baixinho,
Na concha divinal do teu ouvido.

Palavras que se foram como nós,
Mas que as pedras guardaram no caminho,
Para ouvires à tarde a minha voz!

06 - RESTO DE LUZ

Letra: **Reynaldo Dias Leme**

Música: **José Vicente Dias Leme**

Interpretação: [Mikéias](#) (voz e violão)

Interpretação: [Mikéias](#) (arranjo: Gabriel)

Declamação: [José Vicente Dias Leme](#)

Falei das suas lágrimas vulgares,
Porque sei que as mulheres choram tanto,
Que chegam a estudar falsos olhares,
Como se neles transbordasse o pranto.

Falei que há sugestões crepusculares
Nos seus olhos repletos de quebranto.
Entre tantas centenas e milhares,
Você me apareceu como um encanto.

Mas toda luz que é clara e que extasia,
Se apaga na volúpia de um lampejo,
Tal como a estrela quando nasce o dia!

Por isso a minha mão já não lhe afaga,
Mas, se a saudade é luz feita de ensejo,
Há uma luz entre nós que não se apaga!

07 – VERSOS

Reynaldo Dias Leme

Declamação: [José Vicente Dias Leme](#)

Se estes versos que escrevo comovido
Tivessem asas como um passarinho,
Iriam repousar no teu ouvido,
Com a ternura de um sopro de carinho.

Se estes versos em forma de gemido
Sonorizassem todo teu caminho,
No milagre feliz de um som perdido,
Alguém te falaria bem baixinho...

E pelo céu nas tardes mais serenas,
Voariam estrofes pelo espaço,
Misturadas com frêmitos de penas.

No entanto estes meus versos não de ser,
Além das confissões que eu não te faço,
As poesias que eu nunca hei de escrever!

08 – ÚLTIMO PEDIDO

Reynaldo Dias Leme

Declamação: [José Vicente Dias Leme](#)

Deixo-te para sempre, resoluto,
Disfarçando o meu último desgosto.
Mais uma vez terei meu rosto enxuto,
E tu terás duas lágrimas no rosto...

Minhas retinas ficarão de luto,
E o teu olhar será como um sol posto,
Que descamba ciclópico e absoluto,
Pelas tardes tristíssimas de Agosto...

Bem sei que vou sofrer doridamente,
A saudade de tudo que foi meu,
Mas não seria meu unicamente...

E agora que me vou, e que te vais,
Fingindo quem jamais te conheceu,
Eu só te peço que não voltes mais...

09 – NOTURNO

Reynaldo Dias Leme

Declamação: [José Vicente Dias Leme](#)

Amor... Saudade... Desengano...
Um noturno macio num piano,
E o teu perfil de grega que ficou...
O coração se aperta enternecido,
E o lábio diz um verso comovido,
- O lábio de uma boca que esfolhou...

Quando a primeira vez nos encontramos,
Um noturno tocava ... E nos amamos,
Com todo amor que a mocidade tem.
Depois tudo passou... Ficou apenas,
Como som infeliz das minhas penas,
Um lívido noturno de Chopin...

Amor... Saudade... Desengano...
Um noturno macio num piano,
Que a mão do tempo nunca mais tocou.

Hoje num canto, o piano ficou mudo,
Saudoso dos teus dedos de veludo,
Triste como o noturno que tocava...

E na sala, o “abat-jour” abandonado,
Deita um jato de luz sobre o teclado,
Que tua mão de moça acariciava...
Noturno de Chopin! Primeiro beijo!
Sonoro turbilhão do meu desejo,
Que se desfez em sons tão comovidos...
Na solidão que vivo, existe ainda,
Para os meus olhos tua imagem linda,
E uns restos de noturno em meus ouvidos.
Ouço lá fora um piano que soluça,
E a noite parece que debruça,
Para ouvi-lo baixinho soluçar...
Tu nunca calculaste o meu desgosto,
E nem sabes que trago no meu rosto,
Dois olhos que não param de chorar...

Amor... Saudade... Desengano...
Um noturno macio num piano,
E o nosso amor, que nunca há de voltar!...

10 - LINHAS SOLTAS

Reynaldo Dias Leme

Declamação: [José Vicente Dias Leme](#)

Solidão que o crepúsculo semeia...
Olhos tristes na tarde de ametista,
Que falam num olhar de impressionista,
Pela doída visão de quem anseia!...

Saudade que infiltra sem alarde,
Na alma nevoenta de quem vive triste...
Lágrima derradeira que ainda assiste
A agonia pacífica da tarde...

Dedos frios, de lírios em desfolhos,
Que me passam de leve na cabeça...
Agora, a noite faz que eu adormeça,
Para ver-te acordada nos meus olhos...

11 - NA SOMBRA DO AMOR

Letra: Reynaldo Dias Leme

Música: Luiz Antonio Batista da Rocha

Instrumental: [Rocha](#)

Interpretação: [Mikéias](#) – Arranjo: Gabriel

Declamação: [José Vicente Dias Leme](#)

Foi na sombra do amor, do nosso amor,

Que falaram as nossas emoções...

Palavras puras, feitas de orações

Tocadas de ansiedade e de pudor...

Foi na sombra desta árvore bendita,

Que enfim nos entendemos num olhar...

Falaste ansiosa, trêmula e aflita,

E eu quase que não pude te falar...

As estações passaram.

Veio o outono,

Levando folhas secas pelo chão,

E nesta mesma sombra, com tristeza

Assistiu comovida a natureza,

Ao nosso adeus...

E a última oração...

12 – TRISTEZA

Reynaldo Dias Leme

Declamação: [José Vicente Dias Leme](#)

Eu adoro a Tristeza de mãos postas,
Bem pertinho de mim, de olhos caídos...
E trago-a nos meus olhos comovidos,
Sempre que tenho as lágrimas expostas...

Eu adoro a Tristeza... Ela é tão boa!
Suas mãos são tão brancas e tão frias,
Que eu as aqueço em minhas mãos vazias,
Num gesto de quem trêmulo perdoa...

À tarde, quando a vejo em meu caminho,
A andar muito de leve, lentamente,
Eu me sinto feliz tão de repente,
Que até me esqueço de que estou sozinho...

A noite, quando o céu fica empoeirado
De estrelas - expiadoras seculares,
Nós nos falamos pelos dois olhares,
E nos beijamos num olhar trocado...

Essa tristeza que anda pelo espaço
Na música suave de um piano,
Ou no violino triste de um cigano,
Que chora fino notas de cansaço.

A tristeza que vive em cada pingo
De chuva, quando os dias são cinzentos.

Essa tristeza feita de lamentos,
Numa tarde chuvosa de domingo...

E essa tristeza que eu adoro tanto,
Há de seguir meus passos, dia a dia,
Chorando em meus momentos de alegria,
E sorrindo nas horas do meu pranto...

13 - A VALSA QUE FICOU

Reynaldo Dias Leme

Declamação: [José Vicente Dias Leme](#)

Aquela valsa que você gostava,
E junto, bem juntinho do piano,
Muitas vezes, em êxtase escutava...

Aquela valsa triste de Chopin,
Agora é como o som do desengano,
É como a falta que nos faz alguém...

Parece que foi feita unicamente,
Para você, mamãe, sempre escutá-la,
Sempre escutá-la silenciosamente...

Agora que você já não existe,
E que eu não ouço mais a sua fala,

A valsa de Chopin ficou mais triste...
Recordo de você cheio de mágoa,
Quando ouço a mesma música dorida,
Tendo os meus olhos brandos rasos d'água...

Ouvindo agora a valsa que era sua,
- Meditação feita sonoridade,
Vejo-lhe o vulto que ainda perpetua
Nos ligeiros acordes musicais...

E eu choro, quando outrora não chorava,
Se hoje escuto embebido de saudade,
Aquela valsa que você gostava,
E não ouviu comigo, nunca mais...

14 – Eu

Reynaldo Dias Leme

Declamação: [José Vicente Dias Leme](#)

Meus cabelos são pretos, de nanquim,
E o meu olhar desde criança é triste...
No meu semblante quase sempre existe
Um ar sombrio que repousa em mim...

Meu sentimentalismo não tem fim!
É a hereditariedade que persiste
Nos meus nervos vibráteis, e resiste
À vida, ao tempo, à idade e a tudo ruim.

Sou alto, magro, pálido e amoroso,
Sofro por ser um homem caprichoso,
E adoro a vida quando é bela e calma...

Deus me fez bom, e bom sempre serei,
Meus anseios são faunos que encontrei,
Na paisagem tristonha da minh'alma...

15 - OLHANDO O CÉU

Reynaldo Dias Leme

Declamação: [José Vicente Dias Leme](#)

Música: Luiz Antonio Batista da Rocha

Interpretação: [Mikéias](#)

Arranjo: Gabriel

"Pois só quem ama pode ter ouvido
capaz de ouvir e de entender estrelas!"

BILAC

A tarde vai morrendo em sinfonia,
O céu rajado em nuvens coloridas,
Vai se tisonando com o final do dia,
Ao compassar das horas já vividas.

E a noite chega e calma então se desfia,
Um rosário de estrelas bem polidas;
Pois delas meu olhar não se desvia,
Como quem busca as ilusões perdidas.

E parece que em meio a todas elas,
Há uma estrela que tímida cintila,
Receosa talvez das que são belas...

E eu penso solitário que esta estrela
Procura um coração que possa ouvi-la
Como eu procuro trêmulo entendê-la...

16 – CONFISSÃO

Reynaldo Dias Leme

Arranjo: [José Vicente Dias Leme](#)

No teu olhar, que é lânguido e esquisito,
Há sombras que eu não posso compreender...
Os teus olhos são como o entardecer
Pelos desertos cálidos do Egito...

Olhos profundos! Alma de algum grito -
Que vive em tuas retinas sem saber! ...
O meu olhar se ajoelha para ver
O teu olhar coberto de infinito!

Se não houvesse, na felicidade
O impressionismo próprio da saudade,
Eu seria o teu servo mais feliz...

E por certo ouviria de tua boca
A confissão de amor sublime e louca,
Que a gente quer dizer, quando não diz...

17 - O PRANTO DA CIGARRA

Reynaldo Dias Leme

Declamação: [José Vicente Dias Leme](#)

Na tarde calma, lívida e dolente,
No sossego da rua abandonada,
Ouço agora impassível e estridente,
Um canto de cigarra apaixonada...

Entre as ramagens verdes, na ramada
De uma árvore, ela canta comovente!...
É a voz do estio, a soluçar magoada,
Numa cantiga que entristece a gente...

Cigarra amiga! Como me lastimo,
Não te entender no estrídulo lamento!
Mas mesmo assim, romântica, te estimo,

Pois no teu canto boêmio e singular,
Há um todo de agonia e sofrimento,
De um pranto que nasceu para cantar...

18 – ORGULHO

Reynaldo Dias Leme

Declamação: [José Vicente Dias Leme](#)

Meu grande amor! Meu sonho de criança.

Embalado num berço de plumagem!

Nos teus olhos serenos de bonança,

Eu trazia feliz a minha imagem!

Mas foi tudo ilusão! Toda esperança

Levou o tempo em rápida voragem...

Resta-nos hoje, apenas a lembrança,

Em forma emocionante de homenagem...

Hoje és outra e eu sou outro. Somos dois,

Que ainda nos amamos com nobreza,

Para sofrermos muito mais depois...

Amas calada e mudo eu te venero,

Pois se é grande o egoísmo em que estás presa,

É maior o orgulho em que te quero!...

19 – DEVANEIO

Reynaldo Dias Leme

Declamação: [José Vicente Dias Leme](#)

A natureza chora tristemente,
Nas lágrimas da chuva, branca e fria...
Tocadas todas de melancolia,
As árvores recebem-na em presente...

Pingo por pingo, vagorosamente,
Ela se infiltra com monotonia,
No coração da terra, que sofria,
Na sede rude, e no calor ardente...

A chuva traz saudade, e põe tristeza,
No coração dos que amam e padecem,
De olhos caídos sobre a natureza...

O ambiente melancólico comove...
Ninguém na Rua... As almas se enternecem...
... Dentro d'alma dos poetas também chove...

20 - SUPREMA GRAÇA

Reynaldo Dias Leme - (À MINHA IRMÃ) – (Inayá Dias Leme)

Declamação: [José Vicente Dias Leme](#)

Na augusta flor dos teus primeiros anos,
Que viça e cresce em plena mocidade,
Foi que trocaste o mundo dos humanos,
Pelo mundo da luz e da verdade!

Não chegaste a sofrer os desenganos
Que a vida nos reserva sem piedade.
Livrou-te Deus dos réprobos profanos
Levando-te na casta virgindade...

Ao meu Deus, de joelhos hoje peço,
(Mas como pecador nada mereço)
A graça de tornar a ver-te um dia.

E como estrelas pelas noites calmas,
Cheias de luz, de encanto, e de harmonia,
Hão de encontrar-se nossas duas almas...

21 – SOLIDÃO

Reynaldo Dias Leme

Declamação: [José Vicente Dias Leme](#)

Choveu. A tarde triste e descorada,
Faleceu num crepúsculo nevoento...
Pela minha janela abandonada
Eu tinha o olhar perdido, em desalento...

Na ausência extrema da mulher amada
A saudade se irmana ao pensamento...
Lá fora a chuva branca e harmonizada
Dá-me a impressão sonora de um lamento...

As horas vão passando lentamente,
E mais se aperta o coração da gente,
Sentindo a noite que vem longa e fria...

E embora eu lute para te esquecer,
O meu desejo louco de agonia,
Soluça na vontade de te ver...

22 - CAMINHANDO...

Reynaldo Dias Leme

Declamação: [José Vicente Dias Leme](#)

Quando caminho nesta rua antiga,
A mais estreita rua da cidade,
Vejo que cada casa é uma saudade,
E há um pouco do passado em cada viga...

O casario estende a sombra amiga
Sobre o chão, como um gesto de bondade...
Já não existe a frouxa claridade
Dos lampiões quebrados de fadiga...

Vou caminhando, e no meu pensamento,
Andam vultos estranhos e nublados,
Que me tocam de leve ao sentimento...

Tudo impressão na idéia de um encanto,
Pois há apenas nos prédios antiquados
Um choro de pobreza em cada canto...

23 - O ESPELHO

Reynaldo Dias Leme

Declamação: [José Vicente Dias Leme](#)

Quando a tarde belíssima de opala,
Encheu a natureza de poesia,
Minha mão sobre a tua então tremia,
Diante do espelho oval daquela sala...

Quando a noite baixou calma e sombria,
Eu tinha comovida a minha fala...
Quanta ansiedade dentre em nós havia
Diante do espelho oval daquela sala...

E hoje sozinho e cheio de saudade,
Eu sofro quando vejo a majestade,
Das tardes que agonizam cor de opala...

Ah! Minha amiga é triste confessar,
Que muitas tardes viram-me à chorar,
Diante do espelho oval daquela sala...

	Página
ÍNDICE	26/27
01 Versos à minha mãe	03
02 Você	04
03 Os teus olhos choraram	05
04 Encontro	06
05 Amor de Bairro	07
06 Resto de luz	08
07 Versos	09
08 Último pedido	10
09 Noturno	11
10 Linhas soltas	12
11 Na sombra do amor	13
12 Tristeza	14
13 A valsa que ficou	15
14 Eu	16
15 Olhando o céu	17
16 Confissão	18
17 O pranto da cigarra	19
18 Orgulho	20
19 Devaneio	21
20 Suprema graça	22

21 Solidão	23
22 Caminhando	24
23 O espelho	25
Foto publicada na Revista Fatos & Fotos 1976	28
Revista da Rádio Nacional – Ano 1 N° 1 – 08/1950 – pag. 8	29/30
Revista da Rádio Nacional – Ano 1 N° 3 – 10/1950- pag. 9	31
Revista da Rádio Nacional – Ano 1 N° 5 – 12/1950 – pag. 5	32
Bagaço de Beira-Estrada – Mário Lago pags. 205/206	33/34
Biografia – Por José Vicente Dias Leme	35/36
Revista do Rádio – Reynaldo Dias Leme – Responde	36
Fotos com amigos no bar Vilariño Rio de Janeiro	37
Praça Reynaldo Dias Leme – Francisco Egídio – Campinas – SP	38/39/40
Rádio Nacional do Rio de Janeiro	41 - 45
Letras e músicas Reynaldo Dias Leme e parceiros	46 - 65



Atenção para a escalção desta mesa histórica e muito, muitíssimo importante: Paulinho Soledade, Fernando Lobo, Lúcio Rangel, Sérgio Porto, Bill Farr, Reinaldo Dias Leme, Aracy e José Roberto Dias Leme. Uma verdadeira seleção de inteligência, bom papo, poesia e boêmia. Só faltava um: Antônio Maria.

Foto publicada na Revista Fatos & Fotos 1976

Reynaldo Dias Leme & Amigos

- 01 Paulinho Soledade
- 02 Fernando Lobo
- 03 Lúcio Rangel
- 04 Sérgio Porto
- 05 Bill Farr
- 06 Reinaldo Dias Leme
- 07 Aracy de Almeida
- 08 José Reynaldo Dias Leme (irmão)

Revista da Rádio Nacional

Ano 1 Nº 1 – Agosto de 1950 – pag. 8



LOCUTORES DA PRE – 8

Por certo, **José Dias Leme** vem do tronco genealógico de **Fernão Dias Paes Leme**, o bandeirante famoso. Natural de Campinas, aí viu nascerem seus filhos: **José Roberto e Reynaldo Dias Leme**, locutores de profissão, o primeiro, com 27 anos, e o segundo, com 24.

Seu pai, ainda vivo, é fazendeiro, poeta e foi ardoroso jornalista, na gleba. Habilitou seus herdeiros a enfrentar a vida. Reinaldo, após o ginásio, em Campinas, foi até o segundo ano de Química Industrial, na capital, interrompendo o curso em 1944, quando veio para o Rio trabalhar numa empresa de aviação.

Seu irmão já era locutor da Rádio Tupi, aonde o visitava constantemente. Nos corredores da estação, já com seu círculo de amizade, ficava a bater papo. Um domingo lá estava ele numa roda, quando o diretor **Costalima** lhe perguntou se não podia ler alguns textos comerciais no programa "**Caleidoscópio**", até **Raul Brunini** voltar do jogo que fora transmitir.

Reinaldo disse que sim... e Manoel Barcelos, de casa, ouvindo-o, telefonou para o **Costalima**, dizendo-lhe que "esse locutor" merecia um contrato, pois ostentava qualidades.

Mas, não havendo vaga na **G-3**, Barcelos deu-lhe um cartão de apresentação para **Paulo Tapajós**, a quem Reinaldo não foi falar, na Nacional. Barcelos zangou-se, considerando a atitude como de desapareço à sua pessoa.

Tudo, porém, resolveu-se, quatro meses depois: a Tupi precisava de um locutor. Reinaldo foi contratado, com 800 cruzeiros mensais, trocando a profissão de aeroviário pela de "speaker", estreando a **10 de novembro de 1944**... sete dias depois do aniversário de Barcelos.

Na Tupi, atuou como sonoplasta, locutor, rádio-ator e discotecário.

Em 1948, transferiu-se para a **E-8**, junto com outros elementos da **G-3**.

Em começos de 1949, foi trabalhar na Seção de Rádio da UNO, em New York, dirigida pelo seu mano José Roberto, a quem muito deve.

Diga-se, de passagem, que José Roberto, até tornar-se homem, nunca revelou gosto ou tendência para o microfone, ao contrário do sucedido com Reinaldo, sempre "brincando" de locutor e fazendo às vezes, em festas.

Em New-York, Reinaldo fezse amigo de **Gary Cooper, Faye Emerson, Sinatra, Jeanne Crain, Roberto Young, Virginia Mayo, Grosby** e de outras celebridades do cinema, achando **Sinatra e Cooper** mais acessíveis e Faye Emerson, "a pequena mais adorável de quantas já conheci minha vida".

Entre as deliciosas recordações dos Estados Unidos, Reinado cita a da sua participação "show" de televisão da **Americ Broadcasting Company, "Blid Date"**, (Encontro às cegas), pé o qual, entre os 3.100 funcionários da ONU, foi escolhido pai com um francês, um ianque um inglês, conversar com uma modelo, com a qual passeou noite inteira, com despesas e a automóvel pago por conta do programa... Que coisa, hein!

Poeta romântico, Reinaldo, depois de "**Sinfonia Noturna**", em 1949, vai publicar "**Pianíssimo**" título sugerido por Jair Amorin e a tradução das poesias de James J. Metcalfe, "**Retratos**".

Solteiro, Reinaldo ficou noivo nos Estados Unidos, de **Bertha Sifuentes**, peruana, funcionária da ONU, onde se conheceram Pretende, este ano ainda, casar.

Gostando de ler tudo que possa ser murmurado, tem ojeriza pelas "manchetes".

A notícia mais importante que já leu foi a da **morte de Roosevelt**.

Aprecia Olavo Bilac e Raul de Leoni e Araujo Jorge, Olegário, Guilherme de Almeida, Bandeira, Menotti e Ghiaroni.

Responde às cartas das fãs.

Revista da Rádio Nacional

Ano 1 Nº 3 – Outubro de 1950 – pag. 9

Reynaldo Dias Leme com Emilinha Borba e Manoel Barcelos

Emilinha está no coração do povo

A grande festa de aniversário da popular sambista, no programa Manuel Barcelos.

EMILINHA BORBA aniversariou. Isto não é novidade. Todos os anos, no dia 31 de agosto, a grande sambista brasileira já sabe que os amigos se reúnem e vão comemorar a data, com a mesma alegria de sempre. Este ano, porém, a coisa tomou um jeito de festa grande, com aquela homenagem que lhe foi prestada no programa de Manuel Barcelos. Emilinha estava radiante. Flores e mais flores chegavam à "Rádio Nacional" numa prova eloquente do prestígio da grande criadora das mais notáveis músicas populares dos últimos tempos. O auditório da P. R. E. 8 ficou completamente lotado. Gente dos subúrbios distantes do Rio e pequenas elegantes de Copacabana ali foram, sentir, de perto, a felicidade da grande e querida estrela da "Nacional". E quase todos trouxeram uma lembrança, pequena que fosse, mostra indiscutível de que Emilinha estava no coração do povo. Foi verdadeiramente notável e inesquecível aquela festa. A cantora mais popular do rádio brasileiro viu tanto bôlo de presente, tantas lembranças nas mãos dos que a foram cumprimentar, tantas flores em seu redor, que ficou tonta e quasi desmaiou ao terminar o programa, quando toda aquela multidão, que se encontrava no auditório, procurou aproximar-se da aniversariante. Evidencia esta



EMILINHA entre Reynaldo Paes Leme e Manuel Barcelos, durante a grande comemoração do dia 31 de agosto último.

★ ★ ★

A GRANDE SAMBISTA entre as suas "fãs", mostra-se alegre e feliz como nunca.



Revista da Rádio Nacional
Marlene, Eminha e Reynaldo (foto 2)
Ano 1 Nº 5 – Dezembro de 1950 – pag. 5

Abriu a caixa e zaz-traz, colocou o broche na gola da blusa, para que todos podessem ver o presente. E o público aclamou os aniversariantes, gritando alto o nome dos dois consagrados valores da Nacional. A festa de aniversário de Marlene e Celso, promovida por Manuel Barcelos, ficou nos anais da história do rádio brasileiro. Uma grande festa que se repetiria todos os anos, se caísse sempre aquela data — 23 de novembro — numa quinta-feira, dia em que Barcelos traz à Nacional toda uma legião de «fans» que admiram e aplaudem o seu magnífico programa.

Victor Costa

NO dia 31 de dezembro, Victor Costa faz anos. É uma data por todos os motivos grata ao pessoal cá de casa e de júbilo para a radiofonia brasileira, que tem nele um dos maiores expoentes, um grande batalhador, um idealista sincero e um empreendedor de amplos horizontes.

Victor Costa faz parte desse escasso grupo de pessoas que esbanjam simpatia e sabem conquistar amizades, fazendo amigos. É um bom companheiro, um chefe compreensivo, e sabe ser ambas as coisas nos momentos precisos.

A "Revista da Rádio Nacional" regosija-se em poder proclamar essas verdades, pois, sendo o órgão oficial da P.R.E.-8 está também ligada, pelo coração e pela inteligência, àquele que tantos serviços tem prestado, não apenas à emissora líder, mas principalmente ao rádio brasileiro e aos ouvintes, que são, afinal, os que mais lucram com os grandes lances dessa espécie de construtores do progresso.

Queremos deixar o nosso abraço muito amigo ao Victor Costa, na esperança de que possamos renová-lo cada ano, numa escala progressiva.



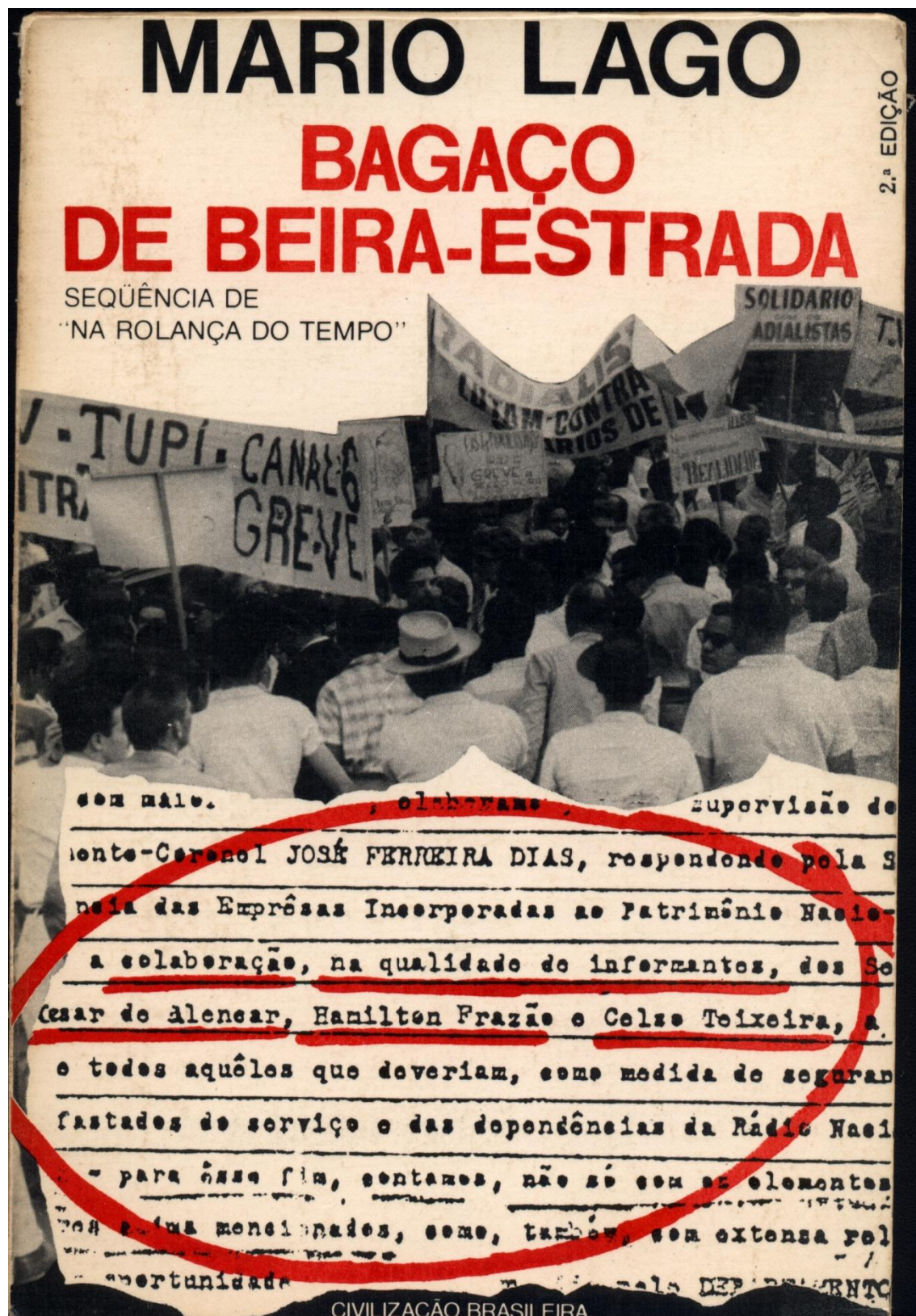
BARCELOS FAZ A SAUDAÇÃO DE ESTILO AOS ANIVERSARIANTES. Aparece ao lado de Celso a estrelíssima Emilinha Borba.



ISTO SIM É QUE É PRESENTE, exclama Marlene contemplando a linda joia que recebeu do seu admirador Manuel Barcelos.



ENTRE LÍRIOS E ROSAS, numa pôse especial para a nossa revista.



O livro *Bagaço de Beira-Estrada* é o segundo volume de memórias do ator e compositor Mário Lago.

Editora Civilização Brasileira S.A. 2ª Edição - 1977

Trechos do livro Bagaço Beira-Estrada páginas 205 e 206

Grande lugar de permanência era o restaurante, agora sim, transformado num restaurante que merecia esse nome. Ali era o ponto da trinca do inferno: 1) **Eu**, 2) **Reinaldo Dias Leme** (tanta poesia bonita ainda tinha ele para escrever e preferiu se deixar morrer de tuberculose em Campinas) e 3) **Chocolate**, compositor de *Saudade* ("tormento de paixão, emoção diferente"), *Dá-me tuas mãos*, *Vida de bailarina* (um sem-vergonha desses, botando melodia até pelas pontas das unhas, está vendendo saibro e cascalho).

Salários sempre minguados, pois a Rádio continuava firme em sua filosofia de que trabalhar ali dava prestígio (o gordo Edmundo, que foi secretário do Vitor, certa vez chegou a dizer que era até negócio para o profissional se trabalhasse de graça), o artista tinha possibilidades de fazer *shows*, faturar com essas apresentações bem mais do que o salário (e o próprio Edmundo informava que naquele mês, isso nos anos 50, a **Emilinha** tinha faturado 900 mil cruzeiros em *shows*).

Uma cegueira teimosa de seus diretores vinha mantendo a Nacional fora dos dissídios coletivos promovidos pelo Sindicato de Radialistas, ficando os aumentos a critério da direção, que, em caso desses nem sempre é o mais justo, entrando muito de simpatia pessoal e outros tipos de motivações.

O jeito era o macete. Cada novo dono de restaurante provocava uma ação guerrilheira de nossa trinca do inferno. Estudava-se a melhor forma de abordá-lo, o conceito em que ele tinha os artistas. Geralmente era o Chocolate que estabelecia o primeiro contato.

Pose não lhe faltava para essa tarefa. Peito estufado como dono de mil empresas, olhão arregalado parecendo perceber melhor do que ninguém o que ia no íntimo das pessoas, sua abordagem era sempre eficiente.

Falava a meu respeito - grande ator aquele menino **Mário Lago**, sujeito às direitas, com um salário lá em cima! -, a respeito do **Dias Leme**, muito cotado com os diretores, até fizera um curso nos Estados Unidos por conta da Rádio.

Eu incensava o Reinaldo e o Choco, o Reinaldo repetia o mesmo com relação a nós dois.

Havia também o truque do telefonema. **O Reinaldo ligava da discoteca**, onde era o chefe, mandando chamar um de nós dois como se fosse do gabinete do **Vitor Costa**.

O telefone era na caixa, ao lado do dono. E o papo com o falso Vitor era na maior intimidade, tu pra cá, você pra lá, entremeado de palavrões para o caráter de coisa amiga parecer mais autêntico.

Esse truque era definitivo. O inimigo passava a nos cumprimentar com o maior respeito - bolas, éramos pessoas que tinham chamado o diretor da estação de sacana e coisas piores! - e um belo dia um de nós gritava vitorioso:

"Inaugurado!", sinal de que a conversa tinha surtido efeito e estávamos diante de um homem de bons princípios, perfeitamente esfaqueável.



Mário Lago * 26/11/1911 - + 30/05/2002 Rio de Janeiro

Biografia de Reynaldo Dias Leme

Por José Vicente Dias Leme

Dos sete filhos de José Dias Leme e Zenaide Monteiro de Carvalho e Silva, quatro (Marcelo, Guilherme, Suzana e Inayá) nasceram em Barretos e três (José Roberto, Reynaldo e Therezinha de Jesus) em Campinas.

Reynaldo nasceu em três de março de 1926 e faleceu em Campinas em 25 de julho de 1974.

Locutor, jornalista, poeta, compositor, trabalhou nas rádios Tupy e Nacional do rio de Janeiro, Agência Nacional (A Voz do Brasil), foi jurado dos programas de Flávio Cavalcante (Um instante maestro e A grande chance)



Flávio Cavalcanti faz seu primeiro programa de rádio em 1954: “Discos Impossíveis”, na rádio Mayrink Veiga, depois na rádio Nacional e finalmente na rádio Tupi. Nesta mesma época, Flávio escrevia no jornal “A Manhã e A Noite” e sempre esteve envolvido com reportagens sobre a vida da elite, era cronista social.

Nos Estados Unidos, n’A Voz da América e Nações Unidas. Quando morava em Nova York, Reynaldo e Luiz Bonfá (que também lá residia) fizeram dois sambas: “Paz de espírito” – que foi gravado por Luciene Franco e “Tanto amor”, que chegou a receber cinco gravações: Tito Madi, Vera Lúcia, Carlos José, Silvinha Teles e Peri Ribeiro.

Em parceria com Antonio Maria e Ismael Net., Reynaldo fez “Madrugada 3 e 5”, que foi gravado por Nora Ney, Lúcio Alves e Os Cariocas.

O maior sucesso de Reynaldo como compositor aconteceu em 1953, quando em parceria com Antonio Maria fez “Onde anda você”, gravado pro Nora Ney.

Reynaldo teve, ainda, composições gravadas por Helinha Costa, Núbia Lafayette, Zezé Gonzaga e outros.

Em 02/12/1953, Antonio Maria e Reynaldo “aprontaram”, o Primeiro dia astrológico prático e sentimental das pessoas indefesas, publicado em jornal do Rio.

Em entrevista à revista Manchete, falando sobre os boêmios do Rio, Paulo Mendes Campos dique que Reynaldo era o “mais fraternal” dos amigos de Antonio Maria e que, pela madrugada, quando iam jantar, Antonio Maria pedia um frango assado. Reynaldo comia uma asa e Antonio Maria devorava o resto.

Morando em Nova York, certa vez Reynaldo recebeu carta de Antonio Maria que dizia: “escrever é um ato espontâneo, por isso grandemente íntimo. Escreve tu também Reynaldo. Além das notícias faz um caderno íntimo, onde possas escrever a verdade pura e simples sem outra poesia que não seja a verdade”.

Na Rádio Nacional, em 1952, Reynaldo foi um dos locutores campeões de correspondência. Em primeiro lugar, César de Alencar com 2.278 cartas, depois Manoel Barcelos, com 2.023 e Reynaldo em seguida com 1.371. Ainda em 1952 Reynaldo foi um dos cinco locutores escolhidos como os melhores do Rádio no Rio de Janeiro, ao lado de Reynaldo Costa, Afrânio Rodrigues, Cesar Ladeira e Carlos Frias.



César Ladeira



Carlos Frias



Reynaldo Dias Leme
* 03/03/1926 Campinas
+ 25/06/1974 (Campinas)

César Ladeira - O LOCUTOR DA REVOLUÇÃO

Cesar, o famoso locutor se iniciava no rádio, quando estourou a **Revolução Constitucionalista de 1932**. As autoridades militares permitiram que ele emprestasse a sua colaboração à causa comum, irradiando o desenrolar do movimento constitucionalista.

E assim, através do microfone de uma emissora, o povo acompanhou a completa descrição da luta, feita de maneira entusiasta por César Ladeira, "**o locutor da Revolução**". Devido ao seu trabalho, Ladeira esteve preso posteriormente no Presídio do Paraíso.

REINALDO DIAS LEME

Locutor Exclusivo da Rádio Nacional

RESPONDE

EU GOSTO:

- De meu pai
- De música (quando é bem tratada)
- De criança
- De viajar
- Dos meus amigos
- De poesia
- De trabalhar com discos
- De beber Whiskey bem gelado
- De ler
- De ser útil ao próximo
- De dar presentes
- Dos meus irmãos
- Das crônicas de Rubem Braga
- De Campinas
- De vida noturna
- De dirigir automóvel
- Da voz de Doris Day
- De camarão
- Dos apelidos do Afrânio
- Dos dias de sol
- De gastar tudo que ganho
- De colecionar isqueiros
- De andar sobre a neve
- De solo de harpa
- De quem gosta de mim.

EU NÃO GOSTO:

- De mentiras
- De gente venenosa
- De pessoas pouco educadas
- De andar de bonde
- De bebida falsificada
- Do cabelo do Afrânio
- De dívidas
- De dormir cedo
- De gripe
- De novelas
- Do que chamam de "poesia moderna"
- Dos usurários
- De certos programas de rádio
- De falar ao telefone
- De domingo
- De chuva
- De multidão
- De andar de pijama
- De colarinho apertado
- De piano mal tocado
- De chegar atrasado
- De guerra
- De briga
- De armas
- De cheiro de cravo de defunto.





Reynaldo, Antonio Maria, Aracy de Almeida e Dorival Caymmi



Jorge Amado Samuel Wainer, ?, Dorival Caymmi

Estados Unidos exatamente quatro meses e cinco dias.

CHEDIAK — Depois, você fez outras viagens.

CAYMMI: Nos anos 70. Quer dizer, um pouco antes, em 1968, fui à Argentina com Vinicius de Moraes e o Quarteto em Cy, para uma série de apresentações patrocinadas pelo Instituto Brasileiro do Café. A Stella também participou dessa viagem. Foi ida e volta de navio, pois Vinicius não queria saber de avião. Estava na época do medo. Foram muitos shows. Nos anos 80, Chico Buarque de Holanda me fez um convite tentador: “Vamos pra Angola?” Gostei muito. Fiz vários shows com o Chico, o Martinho da Vila, o João Nogueira, o Francis Hime...

CHEDIAK — E ainda teve mais viagens?

CAYMMI — Quando voltei de Angola, conheci uma moça chamada

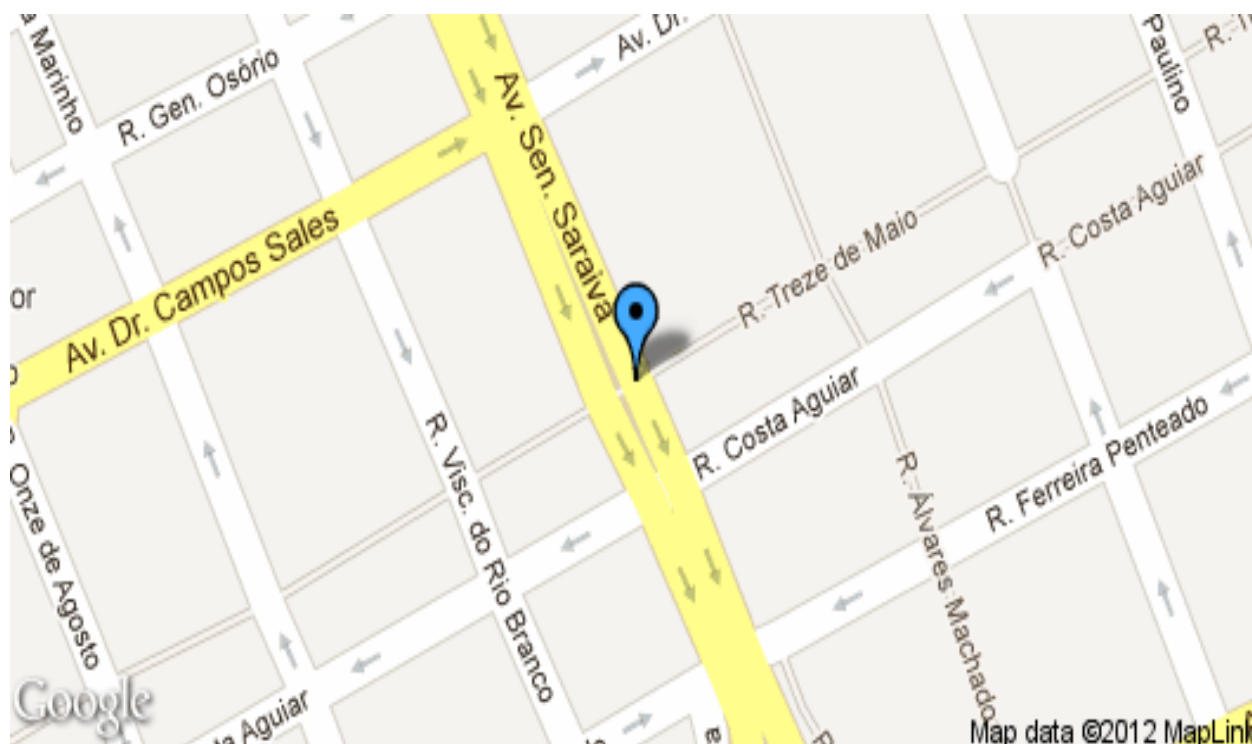
Um convite tentador: “Vamos pra Angola?” gostei muito

Angeles e Salvador serem cidades irmãs. Cantei numa feijoada na casa daquela brasileira casada com um americano. Tive muitas festas. Depois, o embaixador brasileiro nos Estados Unidos, Juraci Magalhães, me convidou para cantar em Washington, no Instituto Brasil-Estados Unidos. Lá, encontrei um querido amigo, locutor da *Voz da América*, o **José Roberto Dias Leme**, irmão do Reinaldo **Dias Leme**, que vivia no Brasil como locutor — e era poeta também. **Dias Leme** fez questão de me mostrar tudo em Washington. Depois, fomos até Nova York, onde me filiei à sociedade de direito autoral, a ASCAP. Fiquei nos

Almyr Chediak



**Bairro: Joaquim Égídio - Município: Campinas
Estado: São Paulo - Praça Reynaldo Dias Leme**



CEP 13108-008 - Rua José Dias Leme

"Jeito de Joaquim", feirinha de artesanato de Joaquim Egídio

Acontece nos dias 06, 13 e 20 de dezembro, em Joaquim Egídio, a tradicional feirinha de artesanato "Jeito de Joaquim". O tema principal do mês de dezembro é o Natal que se aproxima. A Feirinha será na praça "Reinaldo Dias Leme", na entrada de Joaquim Egídio, das 9hrs às 16hrs. - 01.12.2009



Segundo Mônica de Almeida, vice-presidente da atual comissão à frente do projeto, a feirinha conta com o apoio da Subprefeitura de Joaquim Egídio e tem como objetivo dar oportunidade aos moradores do distrito para mostrar seus trabalhos e com isso conseguir alguma renda.

“É um espaço para valorizar o artesanato dos moradores e os produtores rurais do distrito, não temos somente maravilhosos restaurantes, queremos ter verduras, frutas, mel, queijo, ovos...” conclui Mônica sobre a valorização que a feira traz a comunidade local.

Devido a grande riqueza da terra, nada é produzido industrialmente. Na Feira de Artesanatos é possível encontrar diversas opções artesanais, produzidos pela comunidade local e por conhecidos da terra, trazendo novidades e lindas opções para todos.

Os produtos comercializados na feira são obras de artesanato com bijuteria, chinelos customizados, artigos em madeira com decoupage, tricô, crochê, cerâmica, bordados, origami, bijuterias com materiais recicláveis, bolsas de lonas, sabonetes, fuxico, trabalhos em feltro, camisetas, entre outros.

Além de mostrar muitas opções, ainda é localizada num espaço cercado de natureza, com ar puro e belas paisagens de um local repleto de encantamentos. Para quem quer conhecer, não perca as próximas edições da Feira, que acontecem sempre aos domingos.

Para participar da feirinha fale com Solange (19) 3289-6369 ou Mônica (19) 9125-2780. É necessário participar da reunião da comissão para que os produtos sejam avaliados, pois todos devem ser artesanais. Não são permitidos produtos industrializados ou importados.

A Feirinha acontece na Praça Dom Agnelo Rossi, das 9h às 16h. Para conferir as próximas datas fique de olho em nossa agenda cultural.

Blocos agitam o Carnaval dos distritos – Joaquim Egídio – Campinas - SP

O clima de Carnaval já se instalou nos distritos, mas a festa só começa mesmo no dia 2 de fevereiro. A animação fica por conta dos blocos Unidos de Sousas e Unidos da Tribo.

Integrantes das baterias prometem surpreender os foliões. Em Sousas, a festa se concentra na Rua Xavier Mayer, em frente do shopping Vitória Mall, e, em Joaquim Egídio, na praça Reinaldo Dias Leme.



A praça Reinaldo Dias Leme será o point da festa. No ano passado, pelo menos 3,5 mil pessoas participaram do evento por noite.

Samba enredo do Unidos de Sousas

É Carnaval, é alegria
Vem junto com a gente festejar
Unidos de Sousas na avenida
Meu samba é fidalguia popular

Mais chegou
Chegou o Carnaval é folia geral
Vem com a gente cantar

Lá vem a bateria essa minha harmonia
Que é pra gente saudar
É minha natureza da riqueza, há pobreza
Vem com a gente curtir

Eu sou da Sapo
Eu sou da Nova
Eu sou da Vila
Unidos vem para sacudir e divertir



Edifício – A Noite - Seu nome se deve a um dos mais importantes jornais do Rio da época. Abrigou também, nos últimos pavimentos, a **Rádio Nacional**, o mais importante meio de comunicação do país nos anos 1940 e 50. O cálculo estrutural foi assinado por Emílio Baumgarten. **Durante muito tempo foi o edifício de estrutura de concreto armado mais alto da América latina. Praça Mauá. Arquiteto Joseph Gire. 1928.**



[Cabine Telefônica, na qual o diretor da Rádio falava com autoridades, como Getúlio Vargas](#)



[Apresentação da Orquestra Tabajara](#) – Rádio Nacional do Rio de Janeiro



[Apresentação da peça 'Rádio Nacional' 2](#)



[Auditório Radamés Gnattali](#)



[Cais do Porto visto da Rádio Nacional 1](#)



[Cais do Porto visto da Rádio Nacional 2](#)



Atual vista do Píer Mauá (em frente ao prédio A Noite) e o projeto de revitalização do espaço

Músicas de Reynaldo Dias Leme

- 1) **Onde anda você?** – (Antonio Maria / Reynaldo Dias Leme)
Gravação: [Nora Ney](#) - [Núbia Lafayette](#) – **Julinha Santos**
- 2) **Madrugada 3 e 5** – (Antonio Maria / Ismael Netto / Reynaldo D. Leme)
Gravação: [Lúcio Alves](#) – [Marisa Gata Mansa](#) – **Leny Andrade**
[Os Cariocas](#)
- 3) **Rio – São Paulo** – (Antonio Maria / Reynaldo Dias Leme)
- 4) **O tempo marcou** – (Antonio Maria / Reynaldo Dias Leme)
- 5) **Paz de Espírito** – (Luiz Bonfá – Reynaldo Dias Leme)
Gravação: **Luciene Franco**
(Luciene Habib Franco Freitas Câmara ★03/01/1939 RJ)
Paz de espírito/Eu fui de novo à Penha • Copacabana • 78
- 6) **Tanto Amor** – (Luiz Bonfá – Reynaldo Dias Leme)
Gravação: [Silvia Telles](#) – [Pery Ribeiro](#) - Vera Lúcia – **Tito Madi**
Carlos José – [Maria Toledo- Luiz Bonfá](#)
- 7) **Felicidade** - (Valzinho – Reynaldo Dias Leme) Gravação:
[Zezé Gonzaga & Quinteto de Radamés Gnatalli](#)
- 8) **Se alguém disser** - (Ismael Netto – Reynaldo Dias Leme)
Gravação: [Os Cariocas](#)
- 9) **Valsinha do amor** - (Lúcio Alves / Reynaldo Dias Leme) – [Heleninha Costa](#)
- 10) **Versos à minha mãe** – (Luiz Antonio B. da Rocha / Reynaldo Dias Leme)
Gravação: [Mikéias](#) – Arranjo: Gabriel
- 11) **Resto de luz** – (José Vicente Dias Leme / Reynaldo Dias Leme)
Gravação: [Mikéias](#) – Arranjo Gabriel



2) Madrugada 3 e 5

Leny Andrade e Os Cariocas - Presença De Leny Andrade e

[Os Cariocas](#) (2xLP, Comp)

[Discos](#)

[CBS](#)

1979



6) Tanto Amor (Reynaldo Dias Leme & Luiz Bonfá)

[Luiz Bonfá* & Maria Toledo](#) - [Braziliana](#) (2 versions)

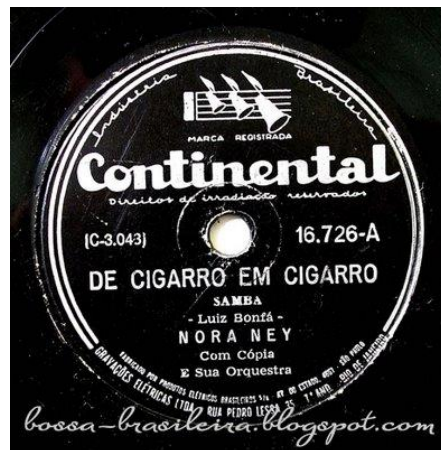
[Philips](#)

Nora Ney [Iracema de Souza Ferreira, 1922 - 2003] cantou com sua voz marcante toda a angústia de seu tempo. Fez sucesso com sambas-canções, boleros e sambas sincopados. Foi uma das primeiras cantoras a gravar músicas de **Antônio Carlos Jobim**, antes mesmo deste ter conhecido **Vinicius de Moraes**. Atuou em filmes, gravou muitos 78 rpms e alguns LPs. Casou-se com o cantor **Jorge Goulart**, com quem viveu por quase 40 anos. Na época da ditadura militar, exilou-se do país por conta de sua ligação com o Partido Comunista Brasileiro. Seu canto forte em meio a uma voz “pequena” influenciou uma geração de cantoras posteriores como **Maysa** e **Sylvia Telles**, por exemplo. Sua interpretação única é registrada neste 78 rpm histórico: **“De Cigarro em Cigarro”** de **Luiz Bonfá**, seguida por:

“Onde Anda Você?” de **Reynaldo Dias Leme** e **Antônio Maria**, com arranjos e orquestra de **Nicolino Cópia**, gravado e lançado em 1953 pela gravadora **Continental**.



Nora Ney 1953 [78 RPM Continental 16726]



01 De Cigarro em Cigarro [Luiz Bonfá] *samba-canção*

02 [Onde Anda Você?](#) [Antônio Maria, Reynaldo Dias Leme] *samba-canção*

Os Cariocas / Os Cariocas a Ismael Netto



LPCB 37012

Afinal 2:30 Luiz Bittencourt - Ismael Netto

Canção da Volta 4:04 Ismael Netto - Antônio Maria

Disse o Que eu Queria 2:10 Ismael Netto - Antônio Maria

Era Bom 3:06 Ismael Netto - Antônio Maria

Madrugada 3 e 5 2:42 **Reynaldo Dias Leme** - Ismael Netto - Antônio Maria (Os Cariocas)

Marca na Parede 2:46 Márcio Faccini - Ismael Netto

Me Dê, Me Dê 2:08 Claudionor Santos - Ismael Netto

Se Alguém Disser 2:02 **Reynaldo Dias Leme** - Ismael Netto (Os Cariocas)

Se Teus Olhos Dissessem 2:13 Jairo Argileu - Ismael Netto

Seu Nome Não é Maria 3:31 Ismael Netto - Nestor de Holanda

Último Beijo 3:02 Ismael Netto - Nestor de Holanda

Valsa de Uma Cidade 2:51 Ismael Netto - Antônio Maria



Felicidade: [Zezé Gonzaga e Quinteto de Radamés Gnattali](#)

Felicidade

Reynaldo Dias Leme – Valzinho

Felicidade que já vi passar
 Pelas dobras febris da minha mão
 Mas que eu deixei, volúvel, escapar...
 Perdendo-se nas pedras – pelo chão...
 Nasceu da simplicidade
 Numa rua da cidade
 No bairro que eu a deixei
 No bairro em que ela sozinha

Dominou como rainha
 E eu tive gestos de rei...
 Quero encontrá-la inda agora
 No mesmo bairro onde mora
 Aquela que sempre amei
 Quero vê-la sempre minha
 Quero tê-la como rainha
 No tempo em que serei rei...

Valzinho



* 26/12/1914 + 1980

Valzinho (Norival Carlos Teixeira), compositor e instrumentista, nasceu no Rio de Janeiro RJ em 26/12/1914 e faleceu em 1980. O pai era ferroviário e violonista, e a mãe, pianista. É irmão do cantor, compositor e violonista [Newton Teixeira](#). Fez o primário na escola primária Nilo Peçanha, além de haver estudado desenho, escultura e gravura com Calmon Barreto. Seu primeiro emprego foi na Casa da Moeda, como gravador artístico.

Começou a carreira em 1933 na Rádio Guanabara, tocando cavaquinho no conjunto do violonista Pereira Filho, do qual participavam Luís Bittencourt (violão), Darci (pandeiro) e [Dante Santoro](#) (flauta). Já como violonista, em 1934 passou a atuar em um conjunto de [Pixinguinha](#), ao lado de Valdemar (violão), [João da Baiana](#) (pandeiro e voz) e Joca (pandeiro).

A partir de 1936, com o regional do bandolinista [Luperce Miranda](#), atuou durante alguns anos na Rádio Mayrink Veiga. Em 1938 fez a primeira música, *Tudo foi surpresa* (com [Peterpan](#)), que seria gravada em 1940, na Victor, por [Araci de Almeida](#).

Em 1939 passou a integrar o regional de Dante Santoro, com o qual ficou durante 30 anos atuando na Rádio Nacional. A formação original do conjunto era Dante Santoro (flautista), Carlos Lentini (violão), Valdemar (cavaquinho), Joca (pandeiro), Norival Guimarães (violão) e Rubens Bergman (violão). Durante pouco tempo, participou também do conjunto Bossa Clube, dirigido por [Garoto](#) onde já usava técnica que antecipava de certa maneira a bossa nova. Em 1940 e 1950 foi premiado em gravura e escultura pelo Salão Nacional de Belas Artes.

Entre suas composições de maior sucesso estão *Não sei por quê* (com Luperce Miranda), de 1944, gravada por [Gilberto Alves](#); *Doce veneno* (com Carlos Lentini e Espiridião Machado Goulart), de 1945, gravado por Marion e o conjunto de Djalma Ferreira — e que, mais tarde, seria relançado por [Jamelão](#), Gaúcho e Orquestra, Britinho e Orquestra, [Paulinho da Viola](#) e [Elisete Cardoso](#); *Tormento*, de 1946, gravada por [Orlando Silva](#); *Súplica* (com Pernambuco), de 1947; *Óculos escuros* (com [Orestes Barbosa](#)), de 1955, gravado por Zezé Gonzaga e relançado, em 1971, por Paulinho da Viola.

Felicidade parceria com Reynaldo Dias Leme

Felicidade: [Zezé Gonzaga e Quinteto de Radamés Gnattali](#)

Fonte: http://cifrantiga2.blogspot.com/2008_02_01_archive.html#ixzz1mHn9qLdX



Cantora Zezé Gonzaga, 81, posa para fotos na Mansão Julieta de Serpa, no Flamengo

Maria José Gonzaga

* Manhuaçu, MG. – 3 de Setembro de 1927

+ Rio de Janeiro, RJ. – 24 de Julho de 2008

Iniciou a carreira aos 12 anos de idade, participando do programa de calouros de Ary Barroso, e logo se tornou uma das mais famosas intérpretes da chamada era de ouro do rádio.

Apadrinhada por Victor Costa, foi contratada pela Rádio Nacional, passando a integrar em seguida diversos conjuntos vocais, **como As Moreninhas e os Cantores do Céu**. Zezé chegou a ser a cantora mais tocada da Nacional e tornou-se uma das mais famosas intérpretes da era do rádio.

Em 1945, Zezé conquistou o primeiro lugar no programa "**Pescando estrelas**", da já extinta Rádio Clube do Brasil, apresentado por Arnaldo Amaral. Isso lhe valeu um contrato de 800 mil-réis com a emissora, que duraria até 1948. Nessa época, formou com a cantora Odaléa Sodré uma dupla batizada de As Moreninhas do Ritmo.

Seu primeiro LP, "Zezé Gonzaga", foi lançado em 1955 e considerado o melhor disco daquele ano. A canção "Ai ioiô (Linda Flor)", de Henrique Vogeler e Luiz Peixoto, era uma de suas grandes interpretações, além de "Nunca jamais", de Lalo Ferreira.

Estrelato e abandono da carreira

Estreou em LP no elogiado "Zezé Gonzaga", lançado pela Columbia, em 1956. Dona de uma bela voz soprano, Zezé sempre flertou com a música clássica. Chegou a estudar canto lírico, mas não seguiu carreira porque "o mercado é muito pequeno".

Mas ela deu suas escapadinhas de vez em quando. Na Rádio Nacional, era a preferida do maestro Radamés Gnattali, de quem vira-e-mexe cantava temas eruditos, juntamente com obras de Villa-Lobos. Muitas vezes, para cantar sambas, ela baixava o tom da voz, para dar às músicas um caráter mais popular.

Em 1959, Zezé gravou duas músicas de Tom Jobim e Vinícius de Moraes: "A felicidade" e "Eu sei que vou te amar". A artista fez algumas apresentações nos anos 80 com o grupo Cantoras do Rádio e gravou o disco "Clássicas" ao lado da cantora Jane Duboc em 1999.

Desanimada com os rumos de sua carreira, aos 45 anos, se aposentou cedo e passou 23 anos sem gravar. Desencantada com o comercialismo da gravadora Columbia (atual Sony Music). Passou três anos trabalhando numa creche em Curitiba, PR.

Um dia, **Hermínio Bello de Carvalho** – velho fã da época do rádio – reapareceu em sua vida com uma proposta irrecusável: voltar ao Rio **para gravar um LP**.

Mas não um LP qualquer e sim um de canções do velho amigo Valzinho, entre as músicas uma em pareceria com Reynaldo Dias Leme – Felicidade - acompanhadas pelo sexteto de Radamés.



Hermínio Bello de Carvalho - (Rio de Janeiro, 28 de Março de 1935)

É um compositor, poeta e produtor musical, além de ativista Cultural na linha de valorização da nacionalidade de Mario de Andrade e Villa-Lobos.

Foi um dos responsáveis pelo sucesso de Clementina de Jesus, reunindo-a com o violonista Turíbio Santos e fazendo-a estrela do musical "Rosa de Ouro". O musical estreou em 1965 e contava com a grande dama do teatro de revista, Aracy Cortes, além de outros veteranos e iniciantes que constituíram o núcleo posterior de resistência do samba, de Paulinho da Viola e Elton Medeiros a Nelson Sargento e Jair do Cavaquinho. Poeta, lançou os livros "Chove azul em teus cabelos", "Ária e percussão" e "Poemas do amor maldito". Atuou também como jornalista e cronista na Revista da Música Popular, no O Pasquim, na Leitura.

Hermínio tem parceiros ilustres como Cartola e Carlos Cachça ("Alvorada no Morro"), Pixinguinha ("Fala Baixinho", "Isso é que é viver", "Isso não se faz"), Paulinho da Viola ("Sei lá Mangueira"), Baden Powell ("Valha-me Deus"), D. Ivone Lara ("Mas quem disse que eu te esqueço"), Sueli Costa ("Cobras e Lagartos"), Martinho da Vila ("Retrós e Linhas"), Zé Ketti ("Cicatriz"), João de Aquino ("Patuá"), Vital Lima ("Judíarias", "Pastores da Noite").

Além disso, letrou músicas de alguns compositores brasileiros após a morte dos compositores, como é o caso de "Noites Cariocas" e "Doce de Côco" (Jacob do Bandolim), "Estrado do Sertão" (João Pernambuco) e "Senhora Rainha" (Villa-lobos). Com Maurício Tapajós escreveu a ópera popular "João, amor e Maria" e entre outros o clássico "Mudando de Conversa", gravado por Dóris Monteiro.

Na área da produção, à frente da Funarte nos anos 70/80, criou e implantou projetos como o Projeto Pixinguinha (que percorre o país com espetáculos a preços populares), Lúcio Rangel de monografias (que impulsionaria a desértica bibliografia da MPB), Almirante de edição de discos alternativos, Ary Barroso, voltado para a divulgação da música nacional no exterior e muitos outros. Atuante no mercado de discos, Hermínio assinou clássicos atemporais como "Gente da Antiga", reunindo Pixinguinha, Clementina de Jesus e João da Baiana; "Fala Mangureira" com Cartola, Nelson Cavaquinho, Carlos Cachaca, Odete Amaral, Clementina de Jesus e outros títulos de Clementina e Pixinguinha, Isaura Garcia, Marlene e Dalva de Oliveira. Dois outros shows que levam sua assinatura foram transformados em disco marcaram época. O encontro de Elizeth Cardoso (de quem produziria a maioria dos discos), Jacob do Bandolim e o bossanovista Zimbo Trio no Teatro João Caetano em 1968.)



Zezé Gonzaga e Jane Duboc

Capa do disco reunindo Zezé Gonzaga e Jane Duboc

Recomeço

Assim, Zezé Gonzaga retomou a carreira artística aos 76, com o lançamento do álbum "**Sou apenas uma senhora que ainda canta**", produzido por **Hermínio Bello de Carvalho** e lançado pela Biscoito Fino em 2002.

"Sempre achei que é a música que escolhe a gente. Quando você ouve e gosta, já foi escolhido por ela", declarou a cantora, na ocasião. Foi um dos melhores discos do ano (1979), com as honras de ter revelado ao grande público **a arte de Valzinho**, que morreria meses depois, e de ter provado que Zezé Gonzaga ainda era a mesma. Desde então, não parou mais: fez shows, recitais, viagens. Discos, mesmo, só em participações especiais.

Até que Hermínio voltou a ser seu anjo da guarda. Produziu o excelente CD "Clássicos", em que **Zezé canta em dupla com Jane Duboc**. A oportunidade de gravar o primeiro CD solo surgiu no início de 2002, quando a cantora mineira fez uma série de apresentações no Paço Imperial, no Rio de Janeiro.

Em uma delas estava a cantora Olivia Hime, dona da gravadora Biscoito Fino. O convite para gravar foi imediato. Assim, nasceu "Sou apenas uma senhora que ainda canta", unindo canções do passado a novas composições, num repertório magnífico, esplendorosamente interpretado.

A cantora passou seus últimos anos de vida sem gravar ou fazer apresentações. A respeito do disco "**Entre Cordas**" a Folha de São Paulo publicou a reportagem reproduzida abaixo. **LUIZ FERNANDO VIANNA** da Folha de S.Paulo, no Rio

Depois de recomendações prévias, da gravadora, de que ela estava fraquinha e um tanto desencantada, o repórter tenta começar a entrevista com um gentil "a senhora...". A resposta vem forte, embora com encanto: "**Me chama de senhora para ver o que te acontece...**".

Protocolos quebrados fica mais fácil entender por que Zezé Gonzaga sempre cativou a todos os que a cercaram em 65 anos de carreira. Ouvindo o CD "Entre Cordas", fica difícil explicar por que uma das maiores cantoras do Brasil chegou aos 81 de vida sem ser reconhecida como tal salvo pelos melhores músicos, maestros, compositores e intérpretes nacionais.

"O que tinha que fazer eu já fiz. Melhor sair de pé do que cair no palco. Já viu se eu vou fazer um show e começo a murchar, implodir?", imagina ela.

"Entre Cordas" é o retrato do atual momento de Maria José Gonzaga, mineira de Manhuaçu, filha de uma flautista com um luthier, que viveu seus anos dourados na rádio Nacional das décadas de 40 e 50.

O poeta e produtor **Hermínio Bello de Carvalho**, seu amigo e fã desde 1951, queria arrastá-la para o estúdio em 2007, mas ela recusava. Acabou aceitando gravar duas faixas e duas vinhetas. O resto são registros feitos entre 1983 e 2002, só um deles já lançado em CD.

Foram recuperados áudios de programas de TV realizados por Hermínio. "O Hermínio acha que eu faço tipo dizendo que não posso cantar. Mas quem sabe da minha dor sou eu. Eu faço por onde [para cantar], mas o onde não vem", diz ela.

Acidente

Em 2003, Zezé sofreu uma queda ao subir as escadas de um teatro no Rio, onde fora assistir a um show. Levou 15 pontos na boca e teve afundamento do esterno, o que comprometeu sua respiração. "Sou muito exigente, detalhista. Sou virginiana. Se não posso fazer bem, prefiro não fazer", justifica.

No encarte de "**Entre Cordas**", Hermínio diz que parte da resistência da cantora pode ter se quebrado depois que **Luis Fernando Verissimo** elogiou, em uma crônica, sua interpretação de "**Senhorinha**" (Guinga/Paulo César Pinheiro) no filme "Brasileirinho" – exibido em 2007, mas com registros de anos anteriores.

Não por acaso, o CD abre com esta música, com Zezé acompanhada pelo quarteto de violões Maogani. Em outras faixas ("**Pra Dizer Adeus**", "Folhas Secas" etc.), ela está ao lado de grandes músicos como Baden Powell, Raphael Rabello – que a compara a Ella Fitzgerald – e Radamés Gnattali.

"Zezé acha que o mercado não absorve esse tipo de música que interpreta. Repare: ela vai de Guinga a Villa-Lobos. É um arco de modernidade que sempre traçou. Uma professora do canto brasileiro é o que ela é", diz Hermínio.

Ele já a convencera uma outra vez a retomar a carreira. Nos anos 60, Zezé se sentiu pejorativamente rotulada de "romântica" pelos bossanovistas, a rádio Nacional entrou em decadência, o caminho se estreitou.

Ficou 12 anos (67 a 79) sem gravar discos, sendo que parte deles passou como sócia de uma empresa de jingles e os últimos três cuidando de uma creche.

Hermínio chamou-a para realizar no Rio um LP, com arranjos de Gnattali, dedicado à obra de **Valzinho (1914-1980), precursor da bossa nova**. "Este ficou muito bom", orgulha-se a virginiana. **O Museu da Imagem e do Som do Rio planeja lançá-lo em CD.**

Zezé também se orgulha de ter muitos fãs entre jovens que conhecem boa música. "Ter uma cantora como Zezé é algo que o Brasil devia aproveitar bem mais. É uma grande referência, nos faz entender melhor quem somos", exalta Roberta Sá, 27, uma das melhores intérpretes da nova geração.

Desde que sua filha de criação morreu, em 99, Zezé vive só num apartamento perto da praça da Bandeira, área simples da zona norte do Rio.

Diz que sai pouco, mas procura não demonstrar tristeza. Mais forte no fim da entrevista, relativiza até o seu fim de carreira: "Se tiver condições, eu volto. Aí vou dizer: 'não me levem a mal, mas vão ter que me engolir'".



"Entre Cordas" - Artista: Zezé Gonzaga
Gravadora: Biscoito Fino



Uma das mais famosas cantoras da era do Rádio

+ 24/07/2008 – Rio de Janeiro



Nubia Lafayette * 21/01/1937 + 18/06/2007

http://pt.wikipedia.org/wiki/N%C3%BAbia_Lafayette

Núbia Lafayette é conhecida pelo seu nome artístico. **Idenilde Araújo Alves da Costa** (Assu, 21 de janeiro de 1937 — Niterói, 18 de junho de 2007) foi uma cantora brasileira

Núbia nasceu em Assu, no interior do estado do Rio Grande do Norte, onde residiu até os três anos, idade que tinha quando a família se mudou para o Rio de Janeiro. Desde tenra idade demonstrou talento para a música apresentando-se em programas infantis desde os 8 anos de idade.

A carreira de **Idenilde** teve início no final da década de 1950, com o nome artístico de Nilde Araújo. Nessa época trabalhava como vendedora nas Lojas Pernambucanas do Rio de Janeiro quando resolveu participar no programa de calouros "**A voz de ouro**", da TV Tupi, interpretando canções da época. Foi *crooner* da boite Cave do Rio e estreou cantando Dalva de Oliveira.

O nome artístico definitivo de **Núbia Lafayette** foi adaptado em 1960 por sugestão do compositor **Adelino Moreira**. Foi este compositor que à gravadora RCA, com o apoio de **Nelson Gonçalves**. Foi nesse ano que gravou o seu primeiro disco com o samba-canção "Devolvi", de Adelino Moreira. Este trabalho projectou-a definitivamente como cantora romântica e popular.

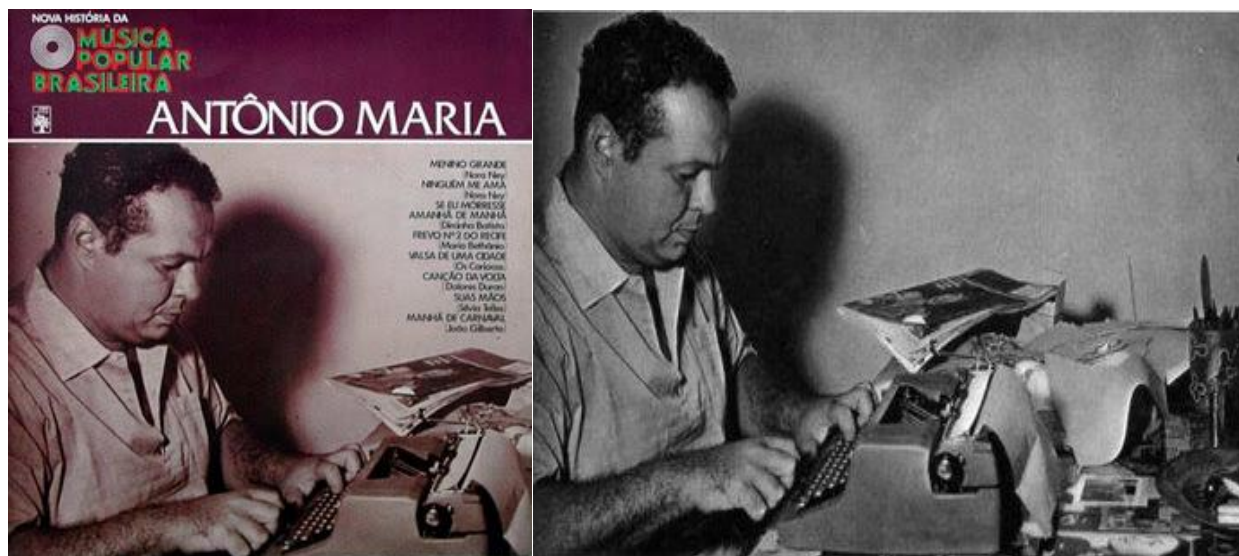
O número de cantores que se dizem influenciados por **Núbia Lafayette** é vasto e inclui nomes como Alcione, Fafá de Belém, Elymar Santos, Tânia Alves e a cantora alagoana Rose D' Paula. Núbia continuou a participar em programas especiais e apresentações esporádicas até ao fim da sua vida. Morava em Maricá, no litoral do estado do Rio de Janeiro.

01. Vocês Que Falam de Mim (Rossini Pinto)
02. Hino ao Amor (L'hymne à L'amour) (Marguerite Monnot Edith Pia Vrs. Odair Marsano)
03. **Onde Anda Você (Antônio Maria / Reinaldo Dias Leme) – [Núbia Lafayette](#)**
04. Nunca Jamais (Nunca Jamas) (L. Guerrero / Vrs. Nelson Ferreira)
05. Fica Comigo Esta Noite (Adelino Moreira / Nelson Gonçalves)
06. Lagoa Serena (Araulfo Alves / José Batista)
07. Abandono Cruel (Luis Soberano / Anicio Bichara)
08. Meu Amor (Nobre Sampaio)
09. A Saudade Mata a Gente (Antônio Almeida / João de Barro)
10. As Razões do Meu Protesto (Chico Xavier / Nem)
11. Amor Quando É Amor (Niquinho / Othon Russo)
12. Tanto Amor Jogado Fora (José Ricardo)

Antônio Maria Araújo de Moraes

★ 17/3/1921 Recife, PE † 15/10/1964 Rio de Janeiro, RJ

Biografia: <http://www.fernandodannemann.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=2439902>



Antônio Maria compôs diversos sucessos populares em parceria com vários amigos. Nora Ney invadiu as rádios brasileiras com "Menino Grande" e "Ninguém me ama". Também são de Maria "Valsa de uma cidade" e "Canção da Volta", gravada por Ismael Neto. "Manhã de Carnaval" e "Samba do Orfeu" foram parcerias com Luís Bonfá em 1959. "O Amor e a Rosa" e "As Suas mãos" e "Se eu Morresse Amanhã" foram parceria com o compositor Pernambuco. **No total, 62 composições de Maria foram gravadas.** Entre seus outros parceiros também se incluíam Fernando Lobo, Moacyr Silva, Vinícius de Moraes, Zé da Zilda e **Reynaldo Dias Leme**. Entre os intérpretes, Nora Ney, Dolores Duran, Elizeth Cardoso, Lúcio Alves, Dóris Monteiro, Jamelão, Ângela Maria, Aracy de Almeida, Agostinho dos Santos, Dircinha Batista, Luiz Bandeira e Claudionor Germano. O cantor estadunidense Nat King Cole gravou "Ninguém me ama" e "Tuas mãos".

Discografia – Dicionário Cravo Albin – Música Popular Brasileira

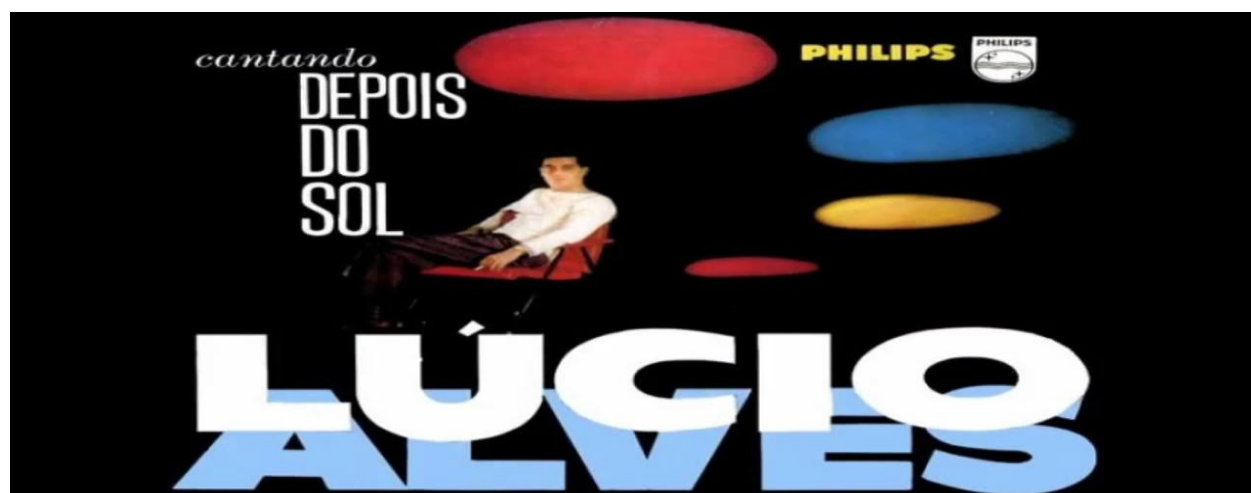
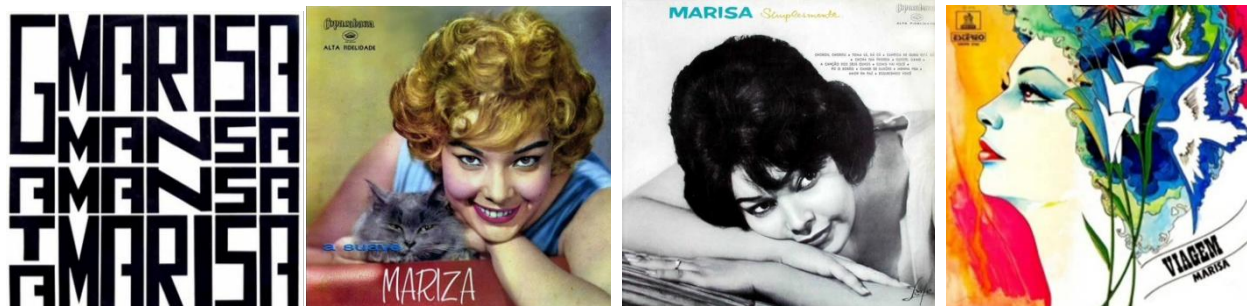
- A canção dos seus olhos (c/ Pernambuco)
- A noite é grande (c/ Fernando Lobo)
- Aconteceu (c/ Ismael Neto)
- Aconteceu em São Paulo
- Ai! Que medo (c/ Ismael Neto)
- Amor brejeiro - com Y. Alain e P. Saka
- Amor de janela (c/ Pernambuco)
- Bate, coração (c/ Vinícius de Moraes)
- Cajueiro doce (c/ Manezinho Araújo)
- Canção da mulher amada (c/ Luiz Bonfá)
- Canção da volta (c/ Ismael Neto)
- Canção para ninar gente grande (c/ Evaldo Gouveia)
- Carioca 1954 (Ismael Neto)
- Cartas (c/ Ismael Neto)
- Coisas do amor (c/ Pernambuco)
- Concerto no céu (c/ Pernambuco)

- Desse amor melhor (c/ Pernambuco)
- Dez noites (c/ Ismael Neto)
- Dobrado de amor a São Paulo (c/ Vinícius de Moraes)
- Domingo
- Dorme (c/ Pernambuco)
- Faça o que quiser (c/ Luiz Bonfá)
- Fique comigo (c/ Moacir Silva)
- Frevo n° dois do Recife
- Frevo n° três do Recife
- Frevo n° um do Recife
- Fulana de tal
- Gostar de alguém (c/ Zacarias)
- Hoje não (c/ Zé da Zilda)
- Insensato coração (c/ Paulo Soledade)
- **Madrugada três e cinco (Ismael Neto e Reinaldo Dias Leme)**
- Mais que a minha vida (c/ Pernambuco)
- Manhã de carnaval (c/ Luiz Bonfá)
- Menino grande
- Meu contrabaixo (c/ Zé da Zilda)
- Minha amada dormiu
- Não fiz nada (c/ Zé da Zilda)
- Não vá embora (c/ Zé da Zilda)
- Ninguém me ama (c/ Fernando Lobo)
- Ninguém sabe de nós (c/ Moacir Silva)
- Nós era sete (c/ Zé Gonzaga)
- O amor e a rosa (c/ Pernambuco)
- O amor que Deus nos deu (c/ João Roberto Kelly)
- O Rio amanhecendo (c/ Ismael Neto)
- **O tempo marcou (c/ Reinaldo Dias Leme)**
- **Onde anda você (c/ Reinaldo Dias Leme)** – Nora Ney
- Os teus encantos (Moacir Silva)
- Parceria (c/ Ismael Neto)
- Pense em mim
- Podem falar (c/ Ismael Neto)
- Portão antigo
- Preconceito (c/ Fernando Lobo)
- Quando ela se foi (c/ Moacir Silva)
- Quando tu passas por mim (c/ Vinícius de Moraes)
- Querer bem (c/ Fernando Lobo)
- Recife
- **Rio-São Paulo (c/ Reinaldo Dias Leme)**
- Samba de Orfeu (c/ Luiz Bonfá)
- Sangue quente (c/ Moacir Silva)
- São Paulo (c/ Paulo Soledade)
- Se eu morresse amanhã
- Sei perder (c/ Ismael Neto)
- Suas mãos (c/ Pernambuco)
- Valsa de uma cidade (c/ Ismael Neto)
- Vem hoje (c/ Moacir Silva)
- Vou pra Paris (c/ Fernando Lobo)

Madrugada três e cinco

(Antônio Maria/Ismael Netto / Reynaldo Dias Leme)

Marisa Gata Mansa & Zé Maria Rocha



Madrugada três e cinco Lúcio Alves

Briguei com você,
Madrugada três e cinco,
Três e dez, me arrependi,
de fazer você sofrer,
Mas eu tinha razão,
Em fazer aquela cena,
Mas às vezes vale a pena,
A gente se arrepender.

Briguei com você,
Já sabia
Todo dia,
Vai ser assim,
Curar o meu ciúme,
Meu amor,
Que bom seria,
Mas eu gosto de você,
Muito mais do que de mim.

Onde Anda Você?
(Antônio Maria / Reynaldo Dias Leme)



[Núbia Lafayette](#)

[Nora Ney](#)

Onde Anda Você?

Nesta noite comprida
Onde anda você?
Neste instante da vida
Onde anda você?
Por que você não vem
Meu bem, por quê?
Nesta hora perdida
Eu queria você.
Fui como um resto de bebida
Que você jogou fora
E na hora
Farto de mim
Me esqueceu
Eu fui mais uma taça desprezada
Quis ser tudo e não fui nada
Ninguém é mais triste do que eu.

Paz de Espírito

Lucienne Franco - (Luciene Habib Franco Freitas Câmara)

03/01/1939 Rio de Janeiro, RJ



Paz De Espírito (Reinaldo Dias Leme / Luis Bonfá)
2. Eu Fui De Novo À Penha (Ary Barroso) - 1958 - 78 RPM

Paz de Espírito

Luiz Bonfá e Reynaldo Dias Leme

Eu preciso de paz
Eu não quero pensar
Na tristeza que você me traz
Eu preciso esquecer
Eu não quero falar
Deste amor com ninguém
Nunca mais.
A distância é demais
A saudade é demais
E os caminhos correm desiguais
Cada amor tem seu fim
Todo amor se desfaz
Eu não devo insistir
Eu preciso de paz.

Lucienne Franco única filha do casal Alexandrino Franco e Sarah Habib Franco, Lucienne Franco estudou no Colégio Mello e Souza, no Rio de Janeiro. Iniciou a carreira artística no ano de 1957, cantando no rádio. Já em 1957 gravou pela Copacabana seu primeiro disco, assinando apenas Luciene, com as músicas "Tarde morena de Espanha" (Luís Bonfá) e o "Ave Maria" (Vicente Paiva).

Nessa época foi levada por Ary Barroso, que a considerava uma de suas cantoras favoritas, para cantar na boate "Friend's" com Ernâni Filho, no Rio de Janeiro. No ano de 1958 atuou na TV Rio indicada pelo violonista Luís Bonfá.

Ainda em 1958 gravou pela Copacabana as músicas "Paz de espírito" (Luiz Bonfá - Reinaldo Dias Leme) e "Eu fui de novo à Penha" (Ary Barroso).

Em 1959 gravou o samba-canção "Conversa" (Evaldo Gouveia - Jair Amorim) e o samba "Não foi a saudade" (Severino Filho - Alberto Paz). Neste mesmo ano gravou as clássicas "Manhã de carnaval" e o "Samba do Orfeu" (ambas de Luiz Bonfá e Antônio Maria), as duas músicas pertencentes à trilha sonora do filme "Orfeu do carnaval", de Marcel Camus.

Em 1959 gravou o LP "Luciene, A Notável" com orquestração do maestro Severino Filho. Convidada por Ary Barroso participou da **festa de aniversário do presidente Juscelino Kubitschek no Palácio Laranjeiras**. Gravou um de seus maiores sucessos, "Ternura antiga" (Dolores Duran - Ribamar) em 1961, do qual foi a primeira intérprete, no I Festival da Canção ("Festival do Rio"), realizado no Rio de Janeiro no mesmo ano.

Ainda em 1961 lançou o samba-canção "Poema do adeus" (Luiz Antônio). Em 1963 gravou com o cantor Moacyr Franco as canções "O bicho papão" (Rogério Cardoso) e "Luzes da ribalta (Limelight)" (Charles Chaplin - versão de Antônio de Almeida - João de Barro). Nesse mesmo ano gravou a "Gente maldosa" (Glauro Fernando Pereira), um de seus maiores sucessos.

Ao todo, Lucienne Franco gravou três LPs e cerca de dez compactos duplos, tendo sido discos seus lançados no exterior, em países como a Espanha, Portugal, França e Argentina.

Em 1965 fez grande êxito com sua gravação de "Ma vie" (Alain Barrière), música francesa que ficou nove meses na parada de sucessos em todo o Brasil.

Outro grande sucesso foi o samba "Louco (Ela é seu mundo)" (Wilson Batista - Henrique de Almeida).

Ao longo de sua carreira, Lucienne Franco se apresentou em diversos países do mundo: Portugal, Uruguai, Espanha, Itália, México e Peru. Lucienne foi a primeira cantora a gravar uma composição dos compositores Geraldo Vandré, a música "Rosa flor" (Vandré - Baden Powell), e Edu Lobo.

Entre os anos de 1965 e 1967 viveu por um tempo em São Paulo, tendo retornado para o Rio de Janeiro ao final desse período. Foi casada duas vezes, a primeira com Ubiratan Martins, a segunda com Antônio Alcino Freitas Câmara, pai de seus três filhos Alexandre, Rodrigo e João Rafael.

Além da atividade artística, Lucienne Franco é proprietária de um hotel em Cabo Frio, RJ.

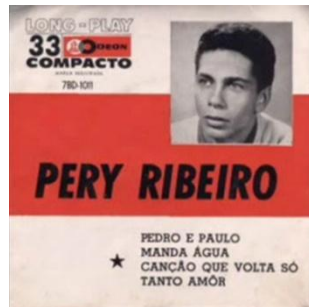
Fonte: http://www.cantorasdobrasil.com.br/cantoras/lucienne_franco.htm

Tanto Amor – (Luiz Bonfá – Reynaldo Dias Leme)

Luís Floriano Bonfá, violonista e compositor brasileiro (Rio de Janeiro RJ 1922). Em meados da década de 1940, tocava na Rádio Nacional, ao lado de Garoto, que muito o influenciou. Apresentando-se como solista a partir de 1952, na ano seguinte teve suas primeiras composições gravadas. Em 1962, participou do festival de Bossa Nova no Carnegie Hall, em Nova York. Tem vários discos gravados nos EUA , onde viveu e apresentou-se em shows e televisão.



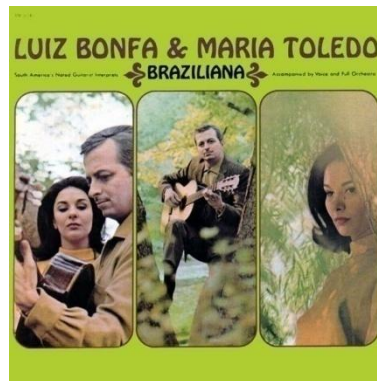
[Silvia Telles](#)



[Pery Ribeiro](#)



[Luis Bonfá e Fafá Lemos \(violino\)](#)



[Luiz Bonfá & Maria Toledo](#)

Tanto Amor (Luiz Bonfá – Reynaldo Dias Leme)

Tanto amor

Eu sem ter ninguém

Como é bom a gente ter um bem

Nossas vidas, não são vidas sem o amor.

Quando um bem nos fala o coração

Quando alguém nos pega pela mão

Se trememos, já sabemos que é de amor.

E tudo que você me fez

Por tudo aquilo que não fiz

Meu coração é quem me diz

Que a melhor solução

É gostar de você outra vez.

Vamos, pois tentar seja o que for

Que essa vida faz parte de nós dois

Vale a pena, tanto amor, meu amor.

Quando alguém nos pega pela mão

Quando alguém nos fala ao coração

Se trememos, já sabemos que é de amor.

Se Alguém Disser

Ismael Netto / Reinaldo Dias Leme



OS CARIOCAS

Se alguém disser

Se alguém disser
Que é culpa de mulher,
Eu vou dizer que não.
Mulher pra mim
É coisa mais bonita
Que meus pés pra gente.

Encontrei você no meu caminho
Pra depois sofrer ficar sozinho.

Se alguém, porém
Quiser saber das coisas
Que você me fez,
Eu vou contar
Que já tentei as passes
Mais de uma vez.

Que estou sofrendo,
Mas ninguém vê
Que eu vivo só
Na culpa de mulher
Mas não é de você.

Os Cariocas



Grupo vocal formado no Rio de Janeiro em 1942. Os Cariocas fizeram escola na arte de cantar música popular em vocal, misturando polifonia e efeitos rítmicos. Influenciados por outros grupos vocais como o Bando da Lua, Anjos do Inferno e Quatro Ases e Um Coringa, estrearam no programa de calouros de Renato Murce, na Rádio Mundial, onde, na segunda tentativa, foram campeões.

Se apresentaram ao então diretor da Rádio Nacional, Radamés Gnattali, e foram contratados em 1946 para participar do programa Um Milhão de Melodias. Ficaram na Rádio Nacional por 20 anos.

Ismael Netto, um de seus fundadores (ao lado de Severino Filho, Salvador e Tarquínio), passou a compor nos anos 50, produzindo sucessos como "Valsa de uma Cidade", com Antônio Maria. Foi o principal arranjador do grupo até sua morte prematura, aos 30 anos, quando os arranjos passaram a ser assinados, em sua maioria, por Severino Filho, seu irmão.

Os Cariocas foram muito populares com o repertório de bossa nova, inovando na maneira de interpretar o estilo.

Em 1997 foi lançado o CD "A Bossa Brasileira", indicado para o prêmio Sharp. No ano seguinte o grupo fez shows em Miami ao lado de Leny Andrade, Wanda Sá e Roberto Menescal, e ainda em 1999 participou em uma faixa do CD "Crooner", de Milton Nascimento.

Em 2001 lançaram o cd "Os Clássicos Cariocas", muito bem recebido pelo público e pela crítica, vencedor do prêmio Caras na categoria grupo de MPB.

Em 2002 o conjunto esteve no Japão (Tóquio) e nos EUA (Washington, Filadélfia e Nova York) lançando o Cd - "oscariocas.com.bossa", indicado para o prêmio Tim.

Em 2003 em show realizado em Montevideu, Uruguai, foram convidados pelo maestro Frederico da Orquestra Filarmônica de Montevideu para retornar a cidade para realização de show com a Orquestra.

Em 2004 foram convidados a participar dos festejos do dia da Independência na Embaixada do Brasil em Asuncion, Paraguai.

Em 2005 realizam vários shows pelo Brasil, realizam show em Lugano na Suíça, participam do DVD “Carlos Lyra – 50 anos de música” lançado pela gravadora Biscoito Fino e do DVD “Bossa nova in concert” lançado pela gravadora EMI.

Em 2006 realizam vários shows pelo Brasil em comemoração aos 60 anos do conjunto.

Em 2007 realizam vários shows pelo Brasil e participam do CD “Erasmus Carlos Convida”, interpretando a faixa “Pão de Açúcar”.

Em 2008 realizam vários shows pelo Brasil, excursionam por diversas capitais em turnê comemorativa dos 50 anos da bossa nova com o espetáculo “Os Cariocas e Miucha”, realizam show em Zurique na Suíça acompanhados de Danilo Caymmi e realizam show em Buenos Aires na Argentina no teatro Gran Rex.

Em 2009 realizam vários shows pelo Brasil, participam do CD “Um cantinho, um violão e bossa nova” com Danilo Caymmi lançado pela Universal e gravam seus nomes na calçada da fama da Toca do Vinicius em Ipanema no Rio de Janeiro.

Em 2010 realizam vários shows pelo Brasil divulgando o CD “Nossa Alma Canta” lançado pela gravadora Guanabara Records. Participam do primeiro “Cruzeiro Bossa Nova” no navio MSC Música, do projeto para reinauguração do “Beco das Garrafas”, do programa de televisão “Sarau” em homenagem a Vinicius de Moraes e gravam o show de lançamento do CD “Nossa Alma Canta” para o canal de televisão Sesc Instrumental.

No mesmo ano, entra para o grupo vocal no lugar de Hernane Castro, Fábio Luna - segunda voz, bateria e flauta

Em 2011 o CD "Nossa Alma Canta" dá o PRÊMIO DA MÚSICA para o grupo Os Cariocas. Em cerimônia realizada no Teatro Municipal do Rio, o tradicional prêmio organizado por José Maurício Machline há 22 anos elege pela quarta vez o conjunto Os Cariocas como o melhor grupo de MPB.

Os Cariocas:

Severino Filho - arranjos, 1ª voz e piano;

Fabio Luna - 2ª voz, flauta e bateria;

Neil Teixeira - 3ª voz e contrabaixo;

Elói Vicente - 4ª voz e violão.

Os Cariocas, tendo como um dos seus criadores em 1942 Ismael Netto representaram e representam muito bem a música brasileira desde o período dos anos que antecederam a bossa nova, bem como as lindas e doces canções da bossa nova, até os dias de hoje.

Passando por várias formações, sucessos e discos, Os Cariocas representam num mesmo conjunto o antigo associado ao moderno, em arranjos muito bem elaborados, com músicas maravilhosas que te lembram os velhos carnavais de antigamente, mas sem perder esse toque de atualidade.

Este disco, lançado em 1957 em homenagem a Ismael Netto, um dos fundadores do grupo e falecido no ano anterior, é o primeiro Long-Play gravado pelo grupo, que teve como substituta de **Ismael Netto** após seu falecimento a irmã do compositor, **Hortênsia Silva**.

Apresentando todas as músicas compostas por Ismael Netto, "Os Cariocas A Ismael Netto" traz como destaque as músicas "Afinal", "Se Alguém Disser", "Seu Nome Não É Maria", "Disse O Que Eu Queria", "Marca Na Parede", "Era Bom", "Valsa de Uma Cidade", "Madrugada 3 e 5" e a já consagrada "Canção da Volta".

Um disco que, apesar de ser o primeiro LP do conjunto e de **prestar homenagem a Ismael Netto**, traz o talento e a genialidade de Os Cariocas.

1 - Marca Na Parede

2 - Afinal

3 - Se Teus Olhos Dissessem

4 - Último Beijo

5 - **Se Alguém Disser** (Ismael Netto / Reynaldo Dias Leme) - (Os Cariocas)

6 - Canção da Volta

7 - Valsa de Uma Cidade

8 - Disse O Que Eu Queria

9 - Seu Nome Não É Maria

10 - **Madrugada 3 e 5** (Antonio Maria / Ismael Netto / Reynaldo Dias Leme)

11 - Era Bom

12 - Me Dá, Me Dá



<http://blogdamusicabrasileira.blogspot.com/2011/04/1957-os-cariocas-ismael-netto.html>

Lucienne Franco - Lucienne Habib Franco Freitas Câmara ★ 3/1/1939 Rio de Janeiro,

RJ Dados Artísticos: Uma das intérpretes favoritas de Ary Barroso, iniciou a carreira de cantora em 1957, atuando no rádio carioca. No mesmo ano, lançou pela Copacabana seu primeiro disco, assinando apenas Luciene, com o bolero "Tarde morena de Espanha", composição de Luís Bonfá, e o samba-canção "Ave Maria", de Vicente Paiva. Por essa época, foi levada por Ary Barroso para cantar com Ernâni Filho na boate "Friend's", no Rio de Janeiro. Em 1958, atuou na TV Rio, indicada pelo violonista Luís Bonfá. **No mesmo ano, gravou pela Copacabana os sambas "Paz de espírito", de Luiz Bonfá e Reinaldo Dias Leme, e "Eu fui de novo à Penha", de Ary Barroso.**



Luiz Bonfa* & Maria Toledo – Brazilianana - Genre:Latin - Style:Bossanova - Year:1965

Whistle Samba	1:45
Tanto Amor	2:21 (Luiz Bonfá – Reinaldo Dias Leme)
Samba De Orfeu	2:07
Pierrot	1:30
Boticario	2:23
Cavaquinho	2:05
Improviso	3:06
Promessa	2:30
Sugar Loaf	3:25
Saudade	3:00
Guanabara	2:42
Pequeno Olhar	2:19
Barroco	2:55
Sambura	2:10

Valsinha do amor

Lúcio Alves – Reynaldo Dias Leme

Gravação Copacabana de [Heleninha Costa](#) 1956

Declamação: [José Vicente Dias Leme](#)

Todos querem uma explicação do amor

Eu estou aqui então para vos dar

É tão fácil, façam cor, por favor

Explicando vamos nós assim cantar

O Amor é um, são dois, são três, são quatro, são cinco, são seis

O amor é meu, é teu, é nosso, é vosso, é de vocês

O amor começa, acaba, é só contar: um, dois, três

Mas neste mundo onde for

Ninguém pode viver

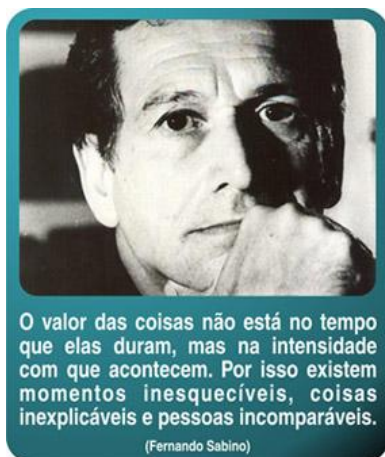
Sem o amor.



1. **Desespero** (Eduardo Patané / Floriano Faissal)
2. **Quero Dizer-te** (Vicente Paiva / Luis Iglesias)
3. **Valsinha do Amor (Lúcio Alves / Reynaldo Dias Leme) – Heleninha Costa**
4. **Sinfonia do Samba** (Vicente Paiva / Luis Iglesias / Walter Pinto)
5. **Juca** (Haroldo Barbosa)
6. **Eu Já Disse** (Lúcio Alves)
7. **Amor Brejeiro** (Y. Alain / P. Saka / Vrs. Antônio Maria)
8. **O Rio Amanhecendo** (Ismael Netto / Antônio Maria)

Meras coincidências

Fernando Sabino



Alguém me dá notícia de um livro sobre coincidências, cuja tese é a de que elas não existem.

Realmente, o número de incidências que não coincidem é infinitamente maior - mas, ainda assim, como não se surpreender com as que acontecem? O tal livro não deve ser o de Koestler, que já andei lendo: se não me engano, ele admite e justifica as coincidências.

O caso do carro de Pedro Gomes, por exemplo. Ainda me lembro a expressão descrente de seu rosto, perguntando se eu sabia onde ele poderia encontrar uma calota para o carro já antigo que possuía então:

- No último domingo eu ia passando pela Avenida Atlântica, e uma calota caiu. Só fui perceber muito adiante, quando alguém na rua me avisou. Voltei para apanhar, não achei. E igual não existe mais para vender.

- Talvez na *Mil* - sugeri: - Aquela casa de acessórios para automóveis na Rua México.
- Acho que lá só vendem peças novas.
- Não custa tentar - insisti.

Dias depois ele me procurava para contar o que lhe havia acontecido. Seguiu a sugestão, e verificou que sua dúvida procedia: lá só vendiam peças de carros novos. Mas o homem que o atendeu lhe disse:

- O senhor é de sorte: por acaso tenho uma. Domingo passado eu estava na Avenida Atlântica, quando um carro igual ao seu deixou cair uma calota. Apanhei e levei comigo, mesmo sem saber o que fazer com ela...

Numa cidade com alguns milhões de habitantes, ele fora atendido, na loja que sugeri por mero acaso, justamente pelo homem que havia recolhido na rua a calota de seu carro.

Para não sair das coincidências e dos carros, vejo-me rodando pelo aterro do Flamengo em sombria noite de chuva. Súbito, o limpador do pára-brisa se desprende, executa uma parábola no ar e vai desaparecer lá adiante, à direita da pista, em meio ao lamaçal. Impossível continuar dirigindo sem enxergar um palmo adiante do nariz.

Detenho o carro e dou uma longa marcha à ré, pretendendo o impossível: recuperar o diabo da peça, sem a qual eu não chegaria a lugar algum.

Ali vou eu a pé, debaixo de chuva, a chafurdar os sapatos na lama e afastando-me cada vez mais da pista. Quando penso em desistir, diviso logo adiante alguma coisa brilhando no chão: a haste de metal do limpador, guarnecida de borracha, meio afundada no barro.

Já de volta, procurei recolocá-lo no pára-brisa, para só então descobrir ser impossível: o limpador que encontrei não era o meu! De modelo diferente, pertencia a um carro de outra marca.

E eu estaria ali até hoje, diga-se de passagem, se não me houvesse ocorrido, debaixo de chuva, sem mais coincidências, com o auxílio de uma chave de fenda, passar para a esquerda do pára-brisa o limpador da direita.

Meras coincidências como esta podem não ter maior importância, senão a de confirmar para mim que elas existem. Já dizia Cervantes (ou alguém por ele, não estou bem certo): “yo no creo en brujerías ni en tropelías de Satanás, pero que las hay, las hay”...

Devo reconhecer modestamente que as coincidências não se dão apenas comigo. Ainda hoje, por exemplo, me lembrei do que me contou meu saudoso amigo Reynaldo Dias Leme, locutor de rádio, que morava em Nova York.

Um dia, ao passar pela Broadway, ele foi abordado por um desconhecido. Era um brasileiro de voz matuta perguntando em português onde ficava a Rua 46. Reynaldo quis saber como é que ele descobrira tratar-se de outro brasileiro.

- Não descobri não - respondeu candidamente o homem: - É que eu não sei falar inglês...

Disse que era de Campinas, no interior de São Paulo, havia acabado de chegar do Brasil. Hospedara-se num hotel da Rua 46, mas ao sair pela primeira vez, aturdido com o movimento, acabou se perdendo.

- Também sou de Campinas - informou Reynaldo, espantado com a coincidência.

Mas ele é que não perdia por esperar:

- Ah, é? - e o outro tirou do bolso um envelope: - Estou trazendo uma carta de recomendação para um conterrâneo nosso, talvez você saiba me dizer onde posso encontrá-lo. O nome dele... deixa ver aqui: é Reynaldo Dias Leme.

Quando eu próprio vivia em Nova York, todas as manhãs tomava o *subway* bem cedo, no subúrbio em Long Island onde morava, a caminho do trabalho em *Manhattan*.

No trem superlotado, aturdia-me a quantidade de passageiros em pé ao meu redor, numa promiscuidade que se renovava a cada estação do trajeto, quando uns saíam, outros entravam. E na minha imaginação de jovem, a própria vida era uma espécie de viagem, em que o convívio com os outros se fazia variado e efêmero, como o dos passageiros de um trem.

“Aquele ali, por exemplo”, - pensei numa daquelas manhãs, olhando alguém no banco em frente a mim, e que como eu tivera a rara sorte de conseguir sentar-se.

Era um cidadão com cara de índio em trajes civis - parecia um descendente direto de Winnetou, o cacique pele-vermelha. Durante a viagem podíamos nos observar com indiferença, como numa relação ocasional ao longo de nossa vida, para nunca mais nos vermos, quando cedêssemos lugar a outros. Como no poema de Vinicius,

Assim será a nossa vida:

Uma tarde sempre a esquecer

Uma estrela a se apagar na trena

Um caminho entre dois túmulos

Ou pelo menos entre duas estações... Nunca mais verei esse índio - concluí, ao deixar o trem.

Naquele mesmo dia, ao anoitecer, voltei para casa, como sempre, de pé entre centenas, milhares de passageiros, num trem ainda mais abarrotado. Quando mal consigo me ajeitar em meio aos que se comprimem de pé, vislumbro entre eles, bem à minha frente - e sentado, como na vinda! - o índio que eu nunca mais veria.

Afirma Paulo Mendes Campos, numa crônica sobre o assunto (repetindo uma expressão, creio que de Rimbaud):

"Quando topamos uma boa coincidência, por um momento o vento da asa da imbecilidade roça por nossas orelhas em pé. Mudam-se os planos habituais do conhecimento como numa acrobacia aérea; contemplamos o mundo de cabeça para baixo".

Por coincidência, este vem a ser, mesmo, o título de um de meus livros: "De Cabeça para Baixo". É o que costuma acontecer comigo.

Como outro dia, durante uma visita da escritora Luciana Savaget.

Conversando sobre problemas de concepção literária que nos são comuns, a certa altura invoquei o exemplo de Dostoievski. Conta ele, numa de suas notas biográficas, que durante longo tempo tentou escrever um romance, do qual só lhe ocorria a primeira frase:

- "O ano passado, no dia tal do mês tal, à noite, aconteceu-me uma coisa extraordinária".

Que coisa era essa, ele não conseguia imaginar. Então resolveu deixá-la para diante, ir narrando a partir daí o que lhe viesse à cabeça. E acabou escrevendo "*Humilhados e Ofendidos*", um de seus maiores romances, em tamanho e em qualidade.

Minha amiga, curiosamente, se interessou em saber a data da noite em que a tal coisa extraordinária havia acontecido. Eu não me lembrava - para atendê-la teria de consultar o livro, o que não seria fácil: como de hábito, não saberia onde estivesse. Pois bastou esticar o braço até a estante mais próxima e encontrá-lo (o que em si já era uma coincidência). Li a primeira frase em voz alta:

- "O ano passado, em 22 de março à noite, aconteceu-me uma coisa extraordinária".

Alegremente surpreendida, ela me informou então que 22 de março era a data de seu aniversário.

Poucos minutos eram passados, e Edwaldo Pacote me telefonava. Antes de iniciar uma de nossas agradáveis conversas habituais, narrei-lhe o ocorrido:

- Já que você gosta destas coincidências...

- Tanto gosto, que aqui vai mais uma - replicou ele: - O dia 22 de março é também o do meu aniversário.

Naquela mesma noite, Eduardo Vaz, outro amigo meu e das coincidências, não se surpreendeu quando lhe contei o ocorrido, pois com ele não houve nenhuma: não nasceu no dia 22 e sim no dia 23 de março.

("A Chave do Enigma")

http://www.quemtemselevenha.com.br/meras_coincidencias.htm

13/07/2008 - 06:00 | Enviado por: Ana Paula Amorim

"Leve um recado pros meus amigos Vinicius de Moraes, Fernando Lobo e Reinaldo Dias Leme".

Diga a eles que é pra não chorar, porque eu tenho um encontro marcado com Pixinguinha, Stanislaw Ponte Preta e Benedito Lacerda. Eu não bebo há dois anos e agora vou tomar o maior pileque da minha vida". Ainda lúcido quando pronunciou estas palavras, Ciro Monteiro morreu depois de 10 dias em que permaneceu internado.

Um dos maiores sambista do Brasil, seu primeiro sucesso veio com a música *Se acaso você chegasse*, em 1938. Esta música tornou parte em 15 filmes. Nessa época casou-se com Odete Amaral.





Tinha o hábito de cantar em casa para os amigos quando, a pedido de Sivio Caldas, entrou no "Programa Casé" da Rádio Philips. No ano seguinte foi contratado pela Rádio Mayrink Veiga, onde viveu grandes momentos da sua vida profissional. Daí em diante os êxitos se sucedem, e marcam toda a década seguinte. Com os dedos ágeis tirava da caixa de fósforo uma forma coloquial de ritmo, em perfeita consonância com a voz. Sobre esta base *Ciro Monteiro* mostrava suas principais características como cantor: a noção extraordinária de espaço musical e a total intimidade com o que cantava.

Formigão, como era conhecido no meio musical, criou seu próprio estilo e honrou um legado familiar. Sobrinho do grande pianista de samba Nonô (Romualdo Peixoto), conhecido como o "Chopin do samba", da chamada época de ouro da música popular brasileira, as décadas de 30 e 40. Deixa um legado de mais de 50 músicas de sua autoria exclusiva e em parceria com Herivelto Martins, Erastóteles Frazão, Mary Monteiro, Vinicius de Moraes e Dias da Cruz. O romântico cidadão do Catete

Nascido a 28 de maio de 1913 no subúrbio carioca do Rocha, era um dos nove filhos do dentista, Capitão do Exército e funcionário público Ildefonso Monteiro.

Mudou-se para Niterói quando tinha dois anos de idade. No Catete, onde morou por mais de 20 anos, transformou-se num patrimônio do bairro. A ternura pela mulher Lu, que o acompanhou por todo o tempo difícil da doença, deixou registrada no samba *Minha Marilu*, de seu LP de 1961.

Para *Ciro*, o Flamengo era tão importante quanto a música. Foi enterrado ao som da marcha do Flamengo, coberto pela bandeira do clube.



Definindo o roxo

Reynaldo Dias Leme

Declamação: [José Vicente Dias Leme](#)

Se for preciso ainda ficar mais triste
Basta olhar suavemente no meu rosto.
Meus olhos vêm coisas impossíveis...
Eu poderei dar chuvas de domingo
E nos abismos pelos quais vagueio
Hei de dar o vazio e negrume a quem quiser,
Se for preciso ainda ficar mais triste...
Eu serei todas as lembranças dos outros.
Eu serei a velha dedicatória em tinta leve
Pousada sobre uma fotografia de mãe
Guardada no fundo do guarda-roupa...
Eu serei a dor do enganado e do injustiçado
E a separação daqueles que se querem
Se for preciso ficar ainda mais triste...
Eu serei a distancia sem consolo
E o amor descompensado...
Eu serei o carro fúnebre, sem o caixão,
Se for preciso ainda ficar mais triste...
E em plena solidão, estrangulando a noite,
Eu serei um abrigo amargo e roxo,
Se for preciso ainda ficar ainda mais triste...